

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Guerra Junqueiro
A velhice do padre eterno



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Guerra Junqueiro

A velhice do padre eterno

Atualização ortográfica
Iba Mendes

Publicado originalmente em 1885.

Abílio Manuel Guerra Junqueiro
(1850 – 1923)

“Projeto Livro Livre”

Livro 400



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor português Guerra Junqueiro: “*A velhice do padre eterno*”.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Abílio Manuel Guerra Junqueiro nasceu em Freixó-de-Espada-à-Cinta (Trás-os-Montes), em 1850.

Em Coimbra, formou-se em Direito (1873), após haver frequentado as aulas de Teologia entre 1866 e 1868. Com *A Morte de D. João*, inicia sua carreira literária no mesmo ano (1874) em que ingressa na vida administrativa (secretário do Governo de Angra do Heroísmo e de Viana do Castelo) e na vida política como deputado. Mas ainda encontra vagares para dedicar-se à lavoura, no Alto Douro. Depois de 1890, rompe com Oliveira Martins e abraça a causa republicana, ao mesmo tempo em acentua interesse pela vida campesina, de que vai tirar inspiração para *Os Simples* (1892). Com a *República* (1910), é nomeado Ministro em Berna, onde permanece até o começo da Guerra de 14. Sentindo crescer o desalento em face da situação caótica da Pátria, afasta-se de tudo e vem a falecer em 1923.

Escreveu: *A Morte de D. João* (1874), *A Musa em Férias* (1879), *A Velhice do Padre Eterno* (1885), *Os Simples* (1892), *Pátria* (1896), *Poesias Dispersas* (1920), *Vibrações Líricas* (1925), *Horas de Luta* (1924), *Contos para a Infância* (1877), *Prosas Dispersas* (1920).

Referência bibliográfica:

Massaud Moisés: *A Literatura Portuguesa através dos textos*. Editora Culturix. São Paulo, 1997, 22ª edição.

ÍNDICE

Aos simples.....	1
A vinha do Senhor.....	5
A caridade e a justiça.....	10
O papão.....	14
Parasitas.....	14
Resposta ao Silabus.....	14
O batismo.....	16
Eurico.....	16
A árvore do mal.....	17
A semana santa.....	19
A barca de S. Pedro.....	30
Ladainha.....	31
Como se faz um monstro.....	33
<i>Calembour</i>	36
A água de Lourdes.....	36
Antonelli.....	37
O dinheiro de S. Pedro.....	38
Ao núncio Masella.....	38
Ladainha moderna.....	43
O melro.....	45
Circular.....	54
A bênção da locomotiva.....	56
A hidra.....	57
A vala comum.....	58
A sesta do Sr. Abade.....	67
O gênesis.....	77
Fantasmas.....	79
<i>Post Scriptum</i>	81

A VELHICE DO PADRE ETERNO

AOS SIMPLES

Ó almas que viveis puras, imaculadas
Na torre do luar da graça e da ilusão,
Vós que ainda conservais, intactas, perfumadas,
As rosas para nós há tanto desfolhadas
Na aridez sepulcral do nosso coração;
Almas, filhas da luz das manhãs harmoniosas,
Da luz que acorda o berço e que entreabre as rosas,
Da luz, olhar de Deus, da luz, bênção d'amor,
Que faz rir um nectário ao pé de cada abelha,
E faz cantar um ninho ao pé de cada flor;
Almas, onde resplende, almas, onde se espelha
A candura inocente e a bondade cristã,
Como num céu d'Abril o arco da aliança,
Como num lago azul a estrela da manhã;
Almas, urnas de fé, de caridade, e esp'rença,
Vasos d'ouro contendo aberto um lírio santo,
Um lírio imorredouro, um lírio alabastrino,
Que os anjos do Senhor vem orvalhar com pranto,
E a piedade florir com seu clarão divino;
Almas que atravessais o lodo da existência,
Este lodo perverso, iníquo, envenenado,
Levando sobre a fronte o esplendor da inocência,
Calcando sob os pés o dragão do pecado;
Benditas sejais, vós, almas que est'alma adora,
Almas cheias de paz, humildade e alegria,
Para quem a consciência é o sol de toda a hora,
Para quem a virtude é o pão de cada dia!
Sois como a luz que doura as trevas dum monturo,
Ficando sempre branca a sorrir e a cantar;
E tudo quanto em mim há de belo ou de puro.
- Desde a esmola que eu dou à prece que eu murmuro -
É vosso: fostes vós o meu primeiro altar.
Lá da minha distante e encantadora infância,
Desse ninho d'amor e saudade sem fim,
Chega-me ainda a vossa angélica fragrância
Como uma harpa eólia a cantar a distância,
Como um véu branco ao longe inda a acenar por mim!

...

Minha mãe, minha mãe! ai que saudade imensa,
Do tempo em que ajoelhava, orando, ao pé de ti.
Caía mansa a noite; as andorinhas aos pares
Cruzavam-se voando em torno dos seus lares,
Suspensos do beiral da casa onde eu nasci.
Era hora em que já sobre o feno das eiras
Dormia quieto e manso o impávido lebreu.
Vinham-nos das montanhas as canções das ceifeiras,
Como a alma dum justo, ia em triunfo ao céu!...
E, mãos postas, ao pé do altar do teu regaço,
Vendo a lua subir, muda, alumando o espaço,
Eu balbuciava a minha infantil oração,
Pedindo a Deus que está no azul do firmamento
Que mandasse um alívio a cada sofrimento,
Que mandasse uma estrela a cada escuridão.
Por todos eu orava e por todos pedia.
Pelos mortos no horror da terra negra e fria,
Por todas as paixões e por todas as mágoas...
Pelos míseros que entre os uivos das procelas
Vão em noite sem lua e num barco sem velas
Errantes através do turbilhão das águas.
O meu coração puro, imaculado e santo
Ia ao trono de Deus pedir, como inda vai,
Para toda a nudez um pano do seu manto,
Para toda a miséria o orvalho do seu pranto
E para todo o crime o seu perdão de Pai!...

...

A minha mãe faltou-me era eu pequenino,
Mas da sua piedade o fulgor diamantino
Ficou sempre abençoando a minha vida inteira,
Como junto dum leão um sorriso divino,
Como sobre uma forca um ramo d'oliveira!

* * *

Ó crentes, como vós, no íntimo do peito
Abrigo a mesma crença e guardo o mesmo ideal.
O horizonte é infinito e o olhar humano é estreito:
Creio que Deus é eterno e a alma é imortal.

Toda a alma é clarão e todo o corpo é lama.
Quando a lama apodrece e o clarão cintila:

Tirai o corpo - e fica uma língua de chama...
Tirai a alma - e resta um fragmento d'argila.

E para onde vai este clarão? Mistério...
Não sei... mas sei que sempre há de arder e brilhar,
Quer tivesse incendiado o cranco de Tibério,
Quer tivesse aureolado a frente de Joana Darc.
Sim, creio que depois do derradeiro sono
Há de haver uma treva e há de haver uma luz
Para o vício que morre ovante sobre um trono,
Para o santo que expira inerme numa cruz.

Tenho uma crença firme, uma crença robusta
Num Deus que há de guardar por sua própria mão
Numa jaula de ferro a alma de Lucusta,
Num relicário d'ouro a alma de Platão.

Mas também acredito, embora isso vos pese,
E me julgueis talvez o maior dos ateus,
Que no universo inteiro há uma só diocese
E uma só catedral com um só bispo-Deus.

E muito embora a vossa igreja se contriste
E a excomunhão papal nos abraze e destrua,
A análise é feroz como uma lança em riste
E a verdade cruel como uma espada nua.

Cultos, religiões, bíblias, dogmas, assombros,
São como a cinza vã que sepultou Pompéia.
Exumemos a fé desse montão de escombros,
Desentulhemos Deus dessa aluvião de areia.

E um dia a humanidade inteira, oceano em calma,
Há de fazer, na mesma aspiração reunida,
Da razão e da fé os dois olhos da alma,
Da verdade e da crença os dois pólos da vida.

A crença é como o luar que nas trevas flutua;
A razão é do céu o esplêndido farol:
Para a noite da morte é que Deus nos deu lua...
Para o dia da vida é que Deus fez o sol.

* * *

Mas, ai eu compreendo os martírios secretos
Do pobre camponês, já quase secular,
Que vê tombar por terra o seu ninho de afetos,
A casa onde nasceu seu pai, e onde os seus netos
Lhe fechariam, morto, o escurecido olhar.
Compreendo o pavor e a lividez tremente
De quem em noite má, caliginosa e fria
Atravessa a montanha à luz dum facho ardente
E uma rajada vem alucinadamente
Apagar-lh'o c'o'a aza atlética e sombria,
Deixando-o fulminado e quase sem sentidos
A ouvir o ulular das feras e os bramidos
Do ciclone que explui rouco do sorvedouro
E se enrosca furioso aos plátanos partidos
A estrangulá-los, como uma jibóia um touro.

Compreendo a agonia, o desespero insano
Do naufrago na rocha, entre o abismo do oceano,
Vendo rolar, rugir os glaucos vagalhões
Como uma cordilheira hercúlea de montanhas,
Com jaulas colossais de bronze nas entranhas,
E um domador lá dentro a chicotear trovões.

...

O vosso facho, o vosso abrigo, o vosso porto,
É um Deus que para nós há muito que está morto,
E que inda imaginais no entretanto imortal.
Vivei e adormecei nessa crença ilusória,
Já não podeis transpor os mil anos da história
Que vão do vosso credo absurdo ao nosso ideal.
Vivei e adormecei nessa ilusão sagrada,
Fitando até morrer os olhos de Jesus,
Como o efêmero vão que dura um quase nada,
Que nasce de manhã num raio d'alvorada,
E expira ao pôr do sol n'outro raio de luz.
Eu bem sei que essa crença ignorante e sincera,
Não é a que ilumina as bandas do Porvir.
Mas vós sois o Passado, e a crença é como a hera
Que sustenta e dá inda um tom de primavera
Aos velhos torreões góticos a cair.
Sim, essa crença é um erro, uma ilusão, é certo;
Mas triste de quem vai pelo areal deserto
Vagabundo, esfaimado e nu como Caim,
Sem nunca ver ao longe os palácios radiantes
Duma cidade d'ouro e mármore e diamantes

No quimérico azul dessa amplidão sem fim!
Quem há de arrancar pois do seu piedoso engaste
O vosso ingênuo ideal, ó trêmulos velhinhos,
Se a quimera é uma rosa e a existência uma haste,
Rosa cheia d'aroma e haste cheia de espinhos!
Quem vos há de cortar a flor da vossa esp'rança,
Quem vos há de apagar a angélica visão,
Se essa luz para vós é como uma criança
Que guia numa estrada um cego pela mão!
Quem vos há de acordar desse sonho encantado?!
Quem vos há de mostrar a evidencia cruel?!
Ah! deixemos a ave ao ramo já quebrado,
E deixemos fazer ao enxame doirado
No tronco que está morto o seu favo de mel!
Ó velhos aldeões, exaustos de fadiga,
Que andais de sol a sol na terra a mourejar,
Roubar-vos da vos'alma a vossa crença antiga
Seria como quem roubasse a uma mendiga
As três achas que leva à noite para o lar!
Oh, não! guardai-a bem essa crença d'outrora;
É ela quem vos dá a paz benigna e santa,
Como a paz dum vergel inundado d'aurora,
Onde o trabalho ri e onde a miséria canta.
Guardai-a sim, guardai! E quando a morte em breve
Vos entre na choupana esquálida e feroz,
A agonia será bem rápida e bem leve,
Porque um anjo de Deus mais alvo do que a neve
Há de estender sorrindo as azas sobre vós.
E vós conhecereis em seu olhar materno
Que é o anjo que embalou vosso sono infantil,
E que hoje vem do céu mandado pelo Eterno,
Para sorrir na morte ao vosso branco inverno,
Como sorriu no berço ao vosso claro Abril.

E ao pender-vos gelada a vossa frente alabastrina
Irá levar a Deus o vosso coração,
Tão manso e virginal, tão novo e tão perfeito,
Que Deus há de beijá-lo e aquecê-lo no peito,
Como se acaso fosse uma pomba divina,
Que viesse cair-lhe exânime na mão!

A VINHA DO SENHOR

I

Existiu n'outro tempo uma vinha piedosa
Doirada pelo sol da alma de Jesus,
Uma vinha que dava uns frutos cor de roza,
Vermelhos como o sangue e puros como a luz.

Inundavam-n'a d'água os olhos de Maria,
E os virgens corações dos mártires, dos crentes
Eram a terra funda aonde se embebia
A mística raiz dos pâmpanos virentes.

Produzia um licor balsâmico, divino,
Que aos cegos dava luz, aos tristes dava esp'rança,
E que fazia ver na areia do destino
A miragem feliz da bem-aventurança.

Aos mortos restituía o movimento e a fala;
Escravizava a carne, as tentações, a dor,
E transformou em santa a impura de Magdala,
Como transforma Abril um verme numa flor.

Bebê-lo era beber uma virtuosa essência
Que ungia o coração de perfumes ideais,
Pondo no lábio um riso ingênuo de inocência,
Como o d'água a correr, virgem, dos mananciais.

Dava um tal esplendor às almas, tal pureza
Que nos Circos de Roma até se viu baixar
Diante da nudez das virgens sem defesa
Ao magro leão da Núbia o coruscante olhar.

II

Mas passado algum tempo a humanidade inteira
De tal modo gostou desse licor sublime,
Que o êxtases cristão tornou-se em bebedeira,
E o sonho em pesadelo, e o pesadelo em crime.

Nas solidões do claustro as virgens inflamadas
Co'as fortes atrações da mística ambrosia
Torciam-se febris, convulsas, desvairadas,
Meretrizes de Deus numa piedosa orgia.

É que no vinho antigo ia à noite o demônio
Lançar co'a garra adunca uma infernal mistura
De mandrágora e ópio e heléboro e estramônio,
Verde-negro e viscoso extrato de loucura.

Quando uivava de noite o vento nas campinas
Via-se pela sombra, obliquo, Satanás,
Colhendo aos pés da força ou buscando entre as ruínas
Ervas, vegetações, prenes de essências más.

Era o filtro subtil dessas plantas de morte
Que fazia da alma um dervixe incoerente,
Uma bussola doida à procura do norte
Uma cega a tatear no vácuo, ansiosamente!...

E a taça do veneno estonteador e amargo
No fúnebre banquete ia de mão em mão,
Produzindo o delírio, a síncope, o letargo
E em cada olhar sinistro uma cruel visão.

Uns viam a espectral sarabanda frenética
De esqueletos a rir e a dançar com furor
Em torno à Morte podre, impudente, epiléptica,
Com dois ossos em cruz rufando num tambor.

Outros viam chegado o pavoroso instante
Em que um monstro do fogo, um dragão aerólito,
Dava na terra um nó c'oa cauda flamejante,
Arrebatando-a, a arder, através do infinito.

E então para fugir ao desespero e ao pânico
Bebiam com mais ânsia o filtro singular.
Até à epilepsia, ao turbilhão tetânico
Do shabat desgrenhado e erótico, a espumar!

E à força de beber o trágico veneno
Tombou por terra exausta a humanidade enfim,
Como em Londres, de noite, ao pé dum antro obsceno
Cai sob a lama inerte um bêbado de gim.

Mas nisto despontou a esplendida manhã
Dum mundo juvenil, robusto, afrodisíaco:
A Renascença foi para a embriaguez cristã
A excitação vital dum frasco de amoníaco.

E na vinha de Deus ainda florescente
Começou a nascer por essa ocasião
Um bicho que enterrava escandalosamente
Nos pânpanos da crença as unhas da razão.

Propagou-se o flagelo; o mal recrudesciu;
A colheita ficou em duas terças partes;
Chega o *oidium* Lutero, o verme Galileu,
E cai-lhe o temporal de Newton e Descartes.

Em balde Carlos nove, Ignácio e Torquemada,
Catando esses pulgões das bíblicas videiras,
Os entregam à roda, ao cadafalso, à espada,
Ou os queimam por junto aos centos nas fogueiras.

O estrago cada vez era maior, mais forte;
Apesar da realeza, o trono e a sacristia
Andarem sacudindo o enxofrador da morte
No formigueiro vil das pragas da heresia.

Por último Voltaire-filoxera invade
Essa encosta plantada outrora por Jesus,
E das cepas ideais da escura meia idade
Ficaram simplesmente uns velhos troncos nus.

IV

Mas como havia ainda alguns consumidores
Desse vinho que o sol deixou de fecundar,
Uns velhos cardeais, hábeis exploradores,
Reuniram-se em concilio afim de os imitar.

E é assim que Antonelli, o verdadeiro papa,
O químico da fé, um grande industrial,
Fabrica para o mundo ingênuo uma zurrapa
Que ele assevera que é o antigo vinho ideal.

Para isso combina os vários elementos

Que compõem esta droga: o nome de Maria,
Anjos e querubins, infernos e tormentos,
Bastante estupidez e imensa hipocrisia.

Põe isto tudo a ferver, liga, combina, mexe,
E, filtrando através d'uns textos de latim,
Eis preparado o vinho, ou antes o campeche,
Que a saúde da alma há de arruinar por fim.

Mas como o paladar de muitos europeus
Quase prefere já (horrível impiedade!)
Á falsificação do vinho do bom Deus
O vinho genuíno e puro da verdade;

E como já por isso, (assim como era dantes)
A Igreja não nos queime e o rei não nos enforque,
A cúria procurou mercados mais distantes,
O Japão, o Peru, a Austrália e Nova York.

Os *commis-voyageurs* de Roma - os Lazaristas
Com as carregações vão através do oceano,
Por toda a parte abrindo os armazéns papistas,
A fim de dar consumo ao vinho ultramontano.

Em cada igreja existe uma taberna franca
Para impingir a tal mixórdia, o tal horror,
Ou seca ou doce, ou velha ou nova, ou tinta ou branca,
Segundo as condições e a fé do bebedor.

Para Espanha vão muito uns vinhos infernais,
Um veneno explosivo e forte que produz
Um delírio tremente - o General Narvais,
E um vomito de sangue - o cura Santa Cruz.

Portugal quer vinagre. A Itália quer falerno.
Veillot quer aguarrás que ponha a língua em brasa.
E John Bull, por exemplo, um pouco mais moderno,
Manda ao diabo a botica, e faz a droga em casa.

Ao povo, esse animal, que o Padre Eterno monta,
Como é pobre, coitado, então a Santa Sé
Fabrica lhe uma borra incrível, muito em conta,
Um pouco de melaço e um pouco d'aguapé.

A fina flor cristã, a flor altiva e nobre,
O rico sangue azul do bairro S. Germano,
Para quem o bom Deus é um gentil-homem pobre
A quem se dá de esmola alguns milhões por ano.

Essa como detesta os vinhos maus, baratos,
Como é de raça ilustre e débil compleição,
Mandam-lhe um elixir que serve para os flatos,
Ou para pôr no lenço ao ir à comunhão.

De resto há quem, bebendo essa tisana impura,
Sinta a impressão que outrora o néctar produzia.
São milagres da fé. Ditosa a criatura
Que no ruibarbo encontra o sabor da ambrosia.

E eu não vos vou magoar, ó almas cor de rosa
Que inda achais neste vinho o esquecimento e a paz!
Não insulto quem bebe a droga venenosa;
Acuso simplesmente o charlatão que a faz.

A CARIDADE E A JUSTIÇA

No topo do calvário erguia-se uma cruz,
E pregado sobre ela o corpo do Jesus,
Noite sinistra e má. Nuvens esverdeadas
Corriam pelo ar como grandes manadas
De búfalos. A lua ensanguentada e fria,
Triste como um soluço imenso de Maria,
Lançava sobre a paz das coisas naturais
A merencória luz feita de brancos ais.
As árvores que outrora em dias de calor
Abrigaram Jesus, cheias de mágoa e dor,
Sonhavam, na mudez hercúlea dos heróis.
Deixaram de cantar todos os rouxinóis,
Um silêncio pesado amortalhava o mundo.
Unicamente ao longe o velho mar profundo
Descantava chorando os salmos da agonia.

Jesus, quase a expirar, cheio de dor, sorria.
Os abutres cruéis pairavam lentamente
A farejar-lhe o corpo; às vezes de repente
Uma nuvem toldava a face do luar,
E um clarão de gangrena, estranho, singular,

Lançava sob a cruz uns tons esverdeados.
Crocitavam ao longe os corvos esfaimados;
Mas passado um instante a lua branca e pura
Irrompia outra vez da grande nevoa escura,
E inundavam-se então as chagas de Jesus
Nas pulverizações balsâmicas da luz.

No momento em que havia a grande escuridão,
Cristo sentiu alguém aproximar-se, e então
Olhou e viu surgir no horror das trevas mudas
O cobarde perfil sacrílego de Judas.
O traidor, contemplando o olhar do Nazareno,
Tão cheio de desdém, tão nobre, tão sereno,
Convulso de terror fugiu... Mas nesse instante
Surgiu-lhe frente a frente um vulto de gigante,
Que bradou:

É chegado enfim o teu castigo

O traidor teve medo e balbuciou:

— Amigo,
Que pretendes de mim? dize, por quem esperas?
Quem és tu?

— O Remorso, um caçador de feras,
Disse o gigante. Eu ando há mais de seis mil anos
A caçar pelo mundo as almas dos tiranos,
Do traidor, do ladrão, do vil, do celerado;
E depois de as prender tenho-as encarcerado
Na enormíssima jaula atroz da expiação.
E quando eu entro ali na imensa confusão
De tigres, de leões, d'abutres, de chacais,
De rugidos febris e de gritos bestiais,
Fica tudo a tremer, quieto de horror e espanto.
Caim baixa a pupila e vai deitar-se a um canto.
E quando em suma algum dos monstros quer lutar
Azorrago-o co'a luz febril do meu olhar,
Dando-lhe um pontapé, como num cão mendigo.
Já sabes quem eu sou, Judas; anda comigo!

Como um preso que quer comprar um carcereiro,
Judas tirou do manto a bolsa do dinheiro,
Dizendo-lhe:

— Aqui tens, e deixa-me partir...

O gigante fitou-o e começou a rir.

Houve um grande silêncio. O infame Iscariote,
Como um negro que vê a ponta dum chicote,
Tremia. Finalmente o vulto respondeu:

“Judas, podes guardar esse dinheiro; é teu.
O ouro da traição pertence-lhe ao traidor,
Como o riso à inocência e como o aroma à flor.
Esse ouro é para ti o eterno pesadelo.
Oh! guarda-o, guarda-o bem, que eu quero derretê-lo,
E lançar-t'o depois cáustico, vivo, ardente,
Lançar-t'o gota a gota, inexoravelmente
Em cima da consciência, a pútrida, a execrável!
Com ele hei de fundir a algema inquebrantável,
A grilheta que a tua esquelética memória
Trará, arrastará pelas galés da História,
Durante a eternidade ilimitada e calma.
Essa bolsa que aí tens é o cancro da tua alma:
Já se agarrou a ti, ligou-se ao criminoso,
Como a lepra nojenta ao peito do leproso,
Como o ímã ao ferro e o verme à podridão.
Não poderás jamais largá-la da tua mão!
És traidor, assassino, hipócrita, perjuro;
A tua alma lançada em cima dum monturo
Faria nodoa. És tudo o que há de mais vil,
Desde o ventre do sapo à baba do réptil.
Sai da existência! dize à sombra que te acoite.
Monstro, procura a paz! verme, procura a noite!
Que o sol não veja mais um único momento
O teu olhar oblíquo e o teu perfil nojento.
Esse crime, bandido, é um crime que profana,
Todas as grandes leis da vida universal.
Esconde-te na morte, assim como um chacal
No seu covil. Adeus, causas-me nojo e asco.
Deixo dentro de ti, Judas, o teu carrasco!
És livre; adeus. Já brilha o astro matutino,
E eu, caçador feroz, cumprindo o meu destino,
Continuarei caçando os javalis nos matos.”

E dito isto partiu a procurar Pilatos.

Vinha rompendo ao longe a fresca madrugada.
Judas, ficando só, meteu-se pela estrada,
Caminhando ligeiro, impávido, terrível,
Como um homem que leva um fim imprescritível
Uma ideia qualquer, heróica e sobranceira;
De repente estacou. Havia uma figueira
Projetando na estrada a larga sombra escura;
Judas, desenrolando a corda da cintura,
Subiu acima, atou-a a um ramo vigoroso,
Dando um laço à garganta. O seu olhar odioso
Tinha nesse momento um brilho diamantino,
Reto como um juiz, forte como um destino.

Nisto ecoou através do negro céu profundo
A voz celestial de Jesus moribundo,
Que lhe disse:

— “Traidor, concedo-te o perdão.
Além de meu carrasco és inda o meu irmão.
Pregaste-me na cruz; é o mesmo, fica em paz.
Eu costumo esquecer o mal que alguém me faz.
Eu tenho até prazer, bem vês, no sacrifício.
Não te cause remorso o meu atroz suplício,
Estes golpes cruéis, estas horríveis dores.
As chagas para mim são outras tantas flores!”

Judas fitou ao longe os cerros do calvário,
E erguendo-se viril, soberbo, extraordinário,
Exclamou:

— “Não aceito a tua compaixão.
A Justiça dos bons consiste no perdão.
Um justo não perdoa. A justiça é implacável.
A minha ação é infame, hedionda, miserável;
Preguei-te nessa cruz, vendi-te aos Fariseus.
Pois bem, sendo eu um monstro e sendo tu um Deus,
Vais ver como esse monstro, ó pobre Cristo nu,
É maior do que Deus, mais justo do que tu:
Á tua caridade humanitária e doce,
Eu prefiro o dever terrível!”

E enforcou-se.

O PAPÃO

As crianças têm medo à noite, às horas mortas
Do papão que as espera, hediondo, atrás das portas,
Para as levar no bolso ou no capuz dum frade.
Não te rias da infância, ó velha humanidade,
Que tu também tens medo ao bárbaro papão,
Que ruge pela boca enorme do trovão,
Que abençoa os punhais sangrentos dos tiranos,
Um papão que não faz a barba há seis mil anos,
E que mora, segundo os bonzos têm escrito,
Lá em cima, de traz da porta do Infinito.

PARASITAS

No meio duma feira, uns poucos de palhaços
Andavam a mostrar em cima dum jumento
Um aborto infeliz, sem mãos, sem pés, sem braços,
Aborto que lhes dava um grande rendimento.

Os magros histriões, hipócritas, devassos,
Exploravam assim a flor do sentimento,
E o monstro arregalava os grandes olhos baços,
Uns olhos sem calor e sem entendimento.

E toda a gente deu esmola aos tais ciganos;
Deram esmola até mendigos quase nus.
E eu, ao ver este quadro, apóstolos romanos,

Eu lembrei-me de vós, funâmbulos da Cruz.
Que andais pelo universo há mil e tantos anos
Exibindo, explorando o corpo de Jesus.

RESPOSTA AO SILABUS

Fanáticos, ouvi as coisas que eu vos digo:

Dentro dessa prisão cruel do dogma antigo
A consciência não pode estar paralisada,
Como num velho catre uma velha entrevada.
Tudo se modifica e tudo se renova:

Da escura podridão nojenta de uma cova
Sai uma flor vermelha a rir alegremente.
A ideia também muda a pel' como a serpente.
O que era ontem grão é hoje a seara imensa.
A Verdade saiu desse casulo - a Crença,
Assim como saiu do velho o mundo novo.
Recolher outra vez a águia no seu ovo
É impossível; quebrou o invólucro ao nascer.
Como é que podes tu ó Igreja, pretender,
Cerrando na tua mão um *box* enorme - o inferno,
Levar aos encontrões o espírito moderno,
Levá-lo para traz, para o passado escuro,
Como um bandido leva um homem contra um muro?!

A trajetória imensa e fulva da verdade
Não se pode suster com a facilidade
Com que Josué susteve o sol no firmamento.
Atirar a justiça, a ideia, o pensamento
Às fogueiras da fé, ó bonzos, é impossível:
Reduzirdes a cinza o que? O incombustível!
Loucos! ide dizer ao velho Torquemada
Que queime se é capaz num forno uma alvorada!

..... Sacristãs,
Ajuntai, reuni os balandraus papistas,
As fardas sepulcrais do exército da fé,
A capa de Tartufo, a loba de Claret,
A cogula do monge, enfim, tudo que seja
Cor da noite; arrancai o velho crepe à igreja,
Dos caixões descosei os panos funerários,
Tisnai co'a vossa língua as alvas e os sudários,
E se inda precisais mais sombras, mais farrapos,
Pedi ao corvo a aza, o ventre imundo aos sapos,
Fabricai disto tudo uma cortina imensa,
E tapando com ela o sol da nossa crença,
Nem mesmo assim fareis o eclipse da aurora!
A consciência não é a besta duma nora.

Lembraí-vos que o Progresso é um carro sem travão,
E que apagar em nós o facho da razão
É o mesmo que apagar o sol quando flameja
Com um apagador de lata duma igreja.
Bonzos, podeis dizer à humanidade - Para!
Co'a foice excomunhão podeis ceifar a ceara
Da heresia; podeis, segundo as ordenanças,
Meter pedras de sal na boca das crianças,
Fazer do Deus do amor o Deus barbaridade,

Chamar à estupidez irmã da caridade
E jesuíta a Jesus e Cristo a Carlos sete;
Vós podeis discutir junto da campa o frete,
Recoveiros de Deus, o frete que é preciso
Para irdes levar lá cima ao paraíso
A alma dum defunto; ó bonzos, vós podeis
Ir pedir emprestado um exército aos reis
E defender com ele o papa, o vaticano,
Do cerco que lhe faz o pensamento humano,
Pondo adiante dum dogma a boca dum canhão;
Podeis encarcerar dentro da inquisição
Galileu; vós podeis, anões, contra os ciclopes
Roncar latim, zurrar sermões, brandir hissopes,
Que não conseguireis que a Liberdade vista
A batina pingada e rota dum sacrista,
Que o direito se ordene, e que a Justiça queira
Ir a Roma tomar, contrita, o véu de freira!

O BATISMO

Exeat de vobis spiritus malignas. RITUAL.

Batizais: arrancais dum anjo um satanás.
Desinfetais Ariel banhando-o em aguarrás
De igreja e no latim que um malandro expetora,
Dizeis à noite:-limpa a túnica da aurora,
E ao rouxinol dizeis:-pede a benção da c'ruja.
Dais os lírios em flor ao rol da roupa suja,
Representais a farsa estúpida e sombria
Dum cônego a lavar um astro numa pia,
Finalmente extrais da inocência o pecado,
Que é o mesmo que extrair dum rosa um cevado,
E tudo isto porque?
Porque na bíblia um mono
Devora uma maçã sem licença do dono!

EURICO

Cod. civil art. 1057 e 4031

Eurico, Eurico, ó pálida figura,
Lastimoso, romântico levita,
Que nos serros do Calpe em noite escura

Ergues as mãos à abóbada infinita;

Rasga a página santa da Escritura;
O espírito de luz que em nós habita
Já não consente essa ideal loucura
Que faz do amor uma paixão maldita.

Deixa a solidão dos montes escalvados;
Não soltes mais os trenós inflamados,
Nem tenhas medo às garras do demônio.

Beija a Hermengarda, a tímida donzela.
E vai de braço dado tu e ela
Contraí civilmente o matrimônio.

A ÁRVORE DO MAL

Por debaixo do azul sereno, entre a fragrância
Dos mirtos, dos rosais,
Viviam numa doce e numa eterna infância
Nossos primeiros pais.

Seus corpos juvenis, mais alvos do que a lua,
Mais puros que os diamantes,
Conservavam ainda a virgindade nua
Das coisas ignorantes.

Pôs Deus nesse jardim com sua mão astuta
Ao lado da inocência
A Árvore do Mal que produzia a fruta
Venenosa da ciência.

E, apesar de conter venenos homicidas
E o gérmen do pecado,
Era Deus quem comia à noite, às escondidas,
Esse fruto vedado.

Por isso Jeová tinha ciência infinda,
Tinha um poder secreto,
E Adão que não provara os frutos era ainda
Um anjo analfabeto.

Eva colheu um dia o belo fruto impuro,

O fruto da Razão.
Nesse instante sublime Eva tinha o Futuro
Na palma da sua mão!

O homem, abandonado a submissão covarde,
Viu o fruto e comeu.
Esse fruto é a luz que a Júpiter mais tarde
Roubará Prometeu.

E ao ver igual a si a estátua que criara,
O homem réprobo e nu,
Jeová exclamou: “Maldita seja a seara
cuja semente és tu!”

Veio depois a Igreja e repetiu aos crentes
De toda a humanidade:
“Maldito seja sempre o que enterrar os dentes
Nos frutos da Verdade!”

A Igreja permitia esse vedado pomo
Somente aos sacerdotes.
Da árvore do mal fugia o mundo, como
Os lobos dos archotes.

Se o sábio que buscava o ouro nas retortas
Ia como um ladrão
Roubar timidamente, à noite, às horas mortas
Algum fruto do chão,

Tiravam-lhe da boca esse fruto daninho
Duma maneira suave:
Atando-lhe à garganta uma corda de linho
Suspensa duma trave.

Um dia um visionário, alma vertiginosa,
Espírito imortal,
Foi deitar-se, que horror! à sombra temerosa
Da Árvore do Mal.

A Igreja ao ver aquela intrépida heresia
Lança-lhe excomunhões;
Tomba por terra um fruto... e Newton descobria
A lei das atrações!

Sacudi, sacudi, a árvore maldita,
Que os astros tombarão,
Como se sacudisse a abóbada infinita
Deus com a própria mão!

E quando o mundo inteiro enfim houver comido
Até à saciedade
O fruto que lhe estava há tanto proibido,
O fruto da Verdade,

Homens, dissei então a Jeová: “Tirano,
Vai-te embora daqui!
Construímos de novo o paraíso humano;
Fizemo-lo sem ti.

“Expulsaste do Olimpo a humanidade outrora,
Ó déspota feroz;
Pois bem, o Olimpo é nosso, e Jeová, agora
Expulsamos-te nós!

A SEMANA SANTA

I

Não podendo dormir no horror da sepultura,
Na podridão escura
Da terra imunda e fria,
Voltaire despedaçando o féretro chumbado,
E cingindo o lençol ao corpo esverdeado
Ressuscitou um dia.

Pairava-lhe no lábio o riso fulminante
Com que outrora gravou nas crenças virginais,
Como num rico espelho a aresta dum diamante,
Tamanhas abjeções, sarcasmos tão brutais.
Mas era ao mesmo tempo o riso heróico e bom
Que os tiranos prostrava em mísero desmaio,
Riso a que sucedeu o verbo de Danton,
Como a um trovão sucede o lampejar dum raio.
Dormira febrilmente um longo sono inquieto
Em quanto andava o mundo a executar-lhe os planos,
E vinha ver enfim, diabólico arquiteto,
O estado da sua obra ao cabo de cem anos,

Ó sátiro divino, ò monstro da ironia,
Gênio que Deus conduz e Satanás impele,
Que esmagas hoje o infame, e escreves no outro dia
Com a tinta do enxurro os versos da Pucelle;
Tu és feito de luz e feito de baixezas,
Feito de heroicidade e de protervias más;
Corromperam-te a alma os braços das duquesas
E encarquilhou-te a face o rir de Satanás.
Rasgas ao mundo novo a estrada do futuro
Cantando ao mesmo tempo o sórdido deboche:
És como um Juvenal dentro dum Epicuro,
Ó arlequim-titã, ó semi-deus-gavroche.
Nesse lábio mordente esse sorriso eterno
Faz frio como a ponta aguda duma espada;
O teu gênio, Voltaire, é como o sol do inverno,
Dá muitíssima luz, mas não aquece nada.
Em vão por sobre a paz dos campos desolados
Ele entorna do azul seus vivos esplendores;
Não cantam rouxinóis nas sebes dos valados,
Não faz nascer o trigo e germinar as flores.
É que nunca soubeste o que é a dor profunda
Que estala fibra a fibra os grandes corações;
É que nunca choraste, ó Prometeu corcunda,
Como Dante chorou, como chorou Camões
Voltaire, ó rachador de velhos preconceitos,
Aos golpes de teu riso, a golpes de machado
Caíram sobre a terra atléticos, desfeitos
Na floresta da noite os cedros do passado.
Mataste a tradição, o dogma, o privilegio,
Assobiaste a rir a fé de nossos pais,
E andaste pelo azul, hediondo sacrilégio!
A correr à pedrada os deuses imortais.
Empunhando o alvião terrível da verdade
Tu minaste, Voltaire, infatigavelmente
O alicerce de bronze à velha sociedade.
Do teu riso cruel a onda dissolvente
Foi como os vagalhões, arietes do mar,
Que cavam sob a rocha um tão profundo abismo
Que a rocha fica quase assente sobre o ar.
Tu minaste, Voltaire, a rocha despotismo.
E depois de ter feito a escavação noturna,
Como fazem no monte as feras sanguinárias,
Encheste até à boca essa medonha furna
Com barris de petróleo e bombas incendiarias

E em quanto o nívoo pé soberbo de Antonieta
Da França estrangulava a suplicante voz,
Tu lançavas de longe a trágica luneta,
Velho Fauno cruel, rindo com riso atroz.
Até que um dia enfim exausto de cansaço,
Sentindo já sem força as garras de condor,
Tu chegaste, Arouet, sem te tremer o braço,
Ao rastilho da mina o fogo abrasador.
Cobriu-se então o azul duma tormenta escura,
Ecoou lugubrememente o estrondo de trovão,
Viste arder o rastilho até uma certa altura,
E foste-te esconder, a rir, na sepultura
Mal se ia aproximando a hora da explosão.

Quando ressuscitou Voltaire ficou atônito
Vendo os nossos chapéus e as nossas calças pretas,
Mas como desejava andar no mundo incógnito,
E não ler o seu nome impresso nas gazetas,
Oh, a necessidade a quanto nos obriga!
Voltaire o diplomata, o cortesão tãful
Largou a juba d'ouro, a cabeleira antiga
E foi vestir-se à moda aos armazéns do Pool.
Na sexta feira santa os templos percorria
Voltaire para observar os crentes verdadeiros
No dia da paixão, no lutuoso dia
Em que se faz de Cristo o deus dos confeitores.
Arouet, ao ver aquela estúpida farsada,
Foi acordar Jesus na sua campa ignorada
E disse-lhe:

II

—Anda ver ó Cristo estes bandidos.
Que rostos tão floridos,
Que belas digestões!
Ó pálido Jesus, ò cismador antigo,
Levanta-te da campa e vem daí comigo
A ver estes ladrões.

Nós vamos passear juntos, de braço dado,
Mas vestirás primeiro um fraque bem talhado
De fino pano inglês,
E hás de pôr na cabeça este chapéu redondo,
Para ficar gentil, para ficar hediondo

Como qualquer burguês.

Tu odeias de certo estas casacas pretas,
Mas não quero, Jesus, que tu me comprometas
Com esse balandrau muitíssimo ratão.
Se eu fosse ao *boulevard* contigo e alguém me visse,
Ninguém oh, flor do tom! ninguém, oh canalhice!
Me apertaria a mão.

O talhe dum colete e os pontos duma luva,
A menor frioleira, um simples guarda chuva,
Substituíram hoje as regras de Lavater:
Passando eu por acaso enodado e roto,
Diriam: “Que chapéu! que pulha! que maroto!
Aquele homem não tem nem sombras de caráter!”

Anda, veste a farpela. Agora, sim senhor!
Muito grotesco és, meu pobre Redentor!
Vais a comprometer-me, ó alma do Diabo!
Que figura infeliz, inteiramente chata!...
Pelo menos corrige o laço da gravata
E põe na *boutonniere* este jasmim do Cabo.

Necessitas de ter maneiras delicadas
E a arte de dizer uns pequeninos nada
Com *chic* e distinção. Ser Deus é muito bom;
Mas é preciso ser um deus da fina roda,
Um deus do nosso tempo, um deus da ultima moda,
Um deus *petit-crevé*, um deus à Benoiton.

Se amanhã por acaso alguém, medita nisto,
Te fosse apresentar Sua Ex. o Cristo
Nos devotos salões do bairro São Germano,
Oh escândalo! oh farsa! oh padre onipotente!
As duquesas, sorrindo aristocraticamente,
Achavam-te decerto um Deus provinciano.

Saiamos para a rua. A gente anda de luto,
Porque consta que outrora um visionário, um bruto,
Se deixara morrer pregado num madeiro.
E hoje em memória disto os pais compram às filhas,
Três caixas de pastilhas
Na loja dum doceiro.

Quanta mulher formosa aí nesses balcões!
Que lindas tentações,
Meu pálido judeu!
Deixa por um instante as regiões serenas;
Namora estas pequenas,
Que elas hão de gostar do teu perfil hebreu.

Arranja um casamento e aprende a ter juízo.
A noiva pouco importa; o dote é que preciso
Discuti-lo. Olha lá, os pais que sejam velhos!...
Que vá para o diabo o reino da Utopia!
E hão de te nomear sócio da academia
E, quem sabe! talvez barão dos Evangelhos.

Penetremos na igreja a ver esta farsada.
Uns entram para ver a casa iluminada,
Os *dandis* é por *chic*, os velhos por decoro;
Estes é para ouvir tocar umas quadrilhas,
E os outros, que sei eu!... para vender as filhas,
Para matar o tempo ou arranjar namoro.

Lá vai o pregador dizer a seremonata
Tossiu cuspiu, sorriu, bebeu a sua orchata
E começa a falar. Tem uns bonitos dentes.
E com gesto facundo e voz amaneirada
Receita una enfiada
De tropos excelentes.

Acabou se. O auditório
Gostou do farelório
Como gostamos nós.
Soltam-se exclamações por entre algum rumor:
— Muito bem! muito bem! — É um grande pregador!
— Foi um rico sermão! — E que bonita voz!

E é esta a tua casa, ó meu pobre Jesus!
Não te bastou a cruz;
Era preciso o altar,
Que destino cruel, que trágica ironia!
Nasces na estrebaria,
Vives no lupanar!

Desfila pela rua imensa multidão.
Saiu a procissão;

Paremos um instante. É curioso isto.
Que farsas imbecis, que velhas pompas mudas!
Lá vai pegando ao palio o teu amigo Judas,
Que está, como tu vês, comendador de Cristo!

Os anjos teatrais caminham lentamente
Com azas de galão feitas expressamente
Nas lojas de Paris.
Pobres anjos do céu! querem martirizá-los:
Vão cheios de suor e apertam-lhe os calos
As botas de verniz.

Agora passas tu num palanquim bordado.
Cuidado!
Muito trabalho tem quem faz religiões!
Repara como vais, olha que bela túnica:
É pavorosa, é única!
Of'receu-t'a um burguês num dia de eleições.

E atrás do velho andor e atrás das velhas opas
Vão desfilando agora os esquadrões das tropas
Com gesto marcial.
Tu que amavas os bons, os simples e as crianças,
Seguido como os reis dum matagal de lanças,
Meu pobre general!

Terminou a função. É negro o firmamento.
Ai que aborrecimento!
Ó meu Jesus, que tédio!
Para poder dormir, para poder cear,
Que há de a gente fazer? vamos ao lupanar,
Não há outro remédio.

Ali tens, meu amigo, os cônegos vermelhos:
Que rostos joviais, brunidos como espelhos,
Que riso debochado e gesto vinolento!
E à noite, a esta hora, uns padres sem batinas
Do certo não virão pregar às concubinas
O 6º mandamento!

Os teus guardas fiéis depois da procissão,
Já roucos de cantar um velho cantochão,
Deixaram-te no templo abandonado e só.
Uns vieram beijar as carnes prostituídas,

E os outros foram ler no quarto, às escondidas,
Romances de Bolot.

E como a noite é linda! a branca lua passa,
Ostentando na frente a palidez devassa
Duma infeliz mulher.
Quando tudo fermenta e tudo anda de rastros
Já não deve admirar que a sífilis chegue aos astros
E precisem também xarope de Gibert!

Meu Pai, vamos cear. É quase madrugada;
É a hora do tom, a hora consagrada
Para os ricos festins à viva luz do gás.
É a hora da morte, a hora do ataúde,
E a mesma em que repousa a cândida virtude
Nos braços de Fábulas.

Anda não tenhas medo, entra no restaurante.
A sala está repleta. A púrpura brilhante
Dos desejos inflama os sonhos tentadores.
O champanhe sacode os crânios embriagados,
E os crimes sensuais e os vícios delicados
Rompem num turbilhão de venenosas flores.

O *punch*, iluminando as faces cadavéricas,
Faz-nos imaginar as saturnais quiméricas
Que à noite deve haver na *morgue* de Paris,
Aonde as cortesãs, mais roxas que as violetas,
Ao luar cantarão as verdes cançonetas
Das podridões gentis.

Volteiam pelo ar os ditos picarescos,
Elásticos, febris, doidos, funambulescos,
Como gnomos de luz vestidos de histriões,
Dançando, tilintando os guizos argentinos,
Fazendo à luz do gás trejeitos libertinos
Com o riso cruel das alucinações.

Ceemos. Manda vir as coisas que preferes;
E que nos vão buscar duas ou três mulheres,
Que as há perto daqui;
O mais, pede por boca, o meu divino mestre;
Mas escuta, olha lá, não peças mel silvestre,
Porque já se não usa e riem se de ti.

E agora é destampar a rubra fantasia!
Bebe, pragueja, ri, inventa, calúnia,
Anda! mostra que tens espírito, ladrão!
Não quero ver chorar os olhos teus contritos;
Sê canalha com graça, infame com bons ditos,
Vamos, sensaborão!

Conta-nos em voz alta histórias bem galantes,
Segredos irritantes,
Vergonhas sensuais,
Adultérios da moda, escândalos, misérias,
Tudo isto, já se vê, com ótimas pilherias,
Bastante originais.

Tu precisas perder esse teu ar de adventício
E um certo horror ao vício,
Dum pedantismo ignaro;
Formosura sem vício é coisa que não tenta;
O vício, meu amigo, é bom como a pimenta,
E o defeito que tem é ser um pouco caro.

Conversemos, alegre a tua fronte augusta.
Sê espirituoso, inventa, o que te custa!
Uma infâmia qualquer muitíssimo engenhosa...
Tens um amigo? bem, vamos caluniá-lo;
Tens amantes? melhor, eu dou-te o meu cavalo
E dás-me a mais formosa.

Parece que o rubor te vai subindo às faces...
Ó Filho, não me masses!
Ó Filho, tem piedade!
Deixa-te de sermões; no fim de contas eu
Sou muito bom cristão... um pouquinho ateu,
Como um cristão qualquer da fina sociedade.

Saiamos; rompe a aurora. A burguesia dorme,
Como a jibóia enorme
Que rressona, depois de devorar um touro;
Ó jibóia feliz, ó burguesia, ò pança,
Dorme com segurança
Que a força está de guarda aos teus bezeros d'ouro.

E chama-se Progresso, ó Deus, esta farsada!

Isto é o cinismo alvar e em pêlo, à desfilada,
É a prostituição ignóbil da mulher,
São desejos brutais, é carne em plena orgia,
Enfim a saturnal da podre burguesia,
Que reza como o papa e ri como Voltaire.

Morrendo o velho Deus, o velho Deus tirano,
Este mundo burguês, católico-romano
Encontrou-se sem fé, sem dogma, sem moral;
A justiça era ele o Padre-onipotente;
Esse Padre morreu; ficou nos simplesmente
Um único evangelho - o código penal.

A consciência humana é um monte de destroços.
Foram-se as orações, foram-se os padres-nossos,
Tombou a fé, tombou o céu, tombou o altar;
E o velho Deus-castigo e o velho Deus-receio
É simplesmente um freio
Para conter a raiva à besta popular.

A crassa burguesia, essa recua fradesca,
Opipara, animal, selênica, grotesca,
Namora a Deusa-carne e adora o Deus-milhão;
E as almas, fermentando assim nesta impureza,
Resvalam sensuais do leito para a mesa.
Da mesa para o chão.

Vendem-se a peso d'ouro as languidas donzelas,
Mais torpes que as cadelas,
Que ao menos dão de graça o libertino amor,
E o Dever, a Saúde, o Justo, o Verdadeiro,
Esses ricos metais fundem-se no braseiro
Dum sensualismo expresso, atroz, devorador.

A agiotagem, a bolsa, a cotação dos fundos,
É o princípio rei dominador dos mundos,
É um sangue vital, forte como o *cognac*.
Engordai, engordai ó bravos homens sérios,
Que servis para dar esterco aos cemitérios
E música a Offenbach.

A vergonha morreu, a dignidade foi-se.
O mundo oficial é um vergonhoso alcoice,
E a plebe tripudiando em hórridas orgias

Lança sobre o Direito um pustulento escarro,
E acende, cambaleando, a ponta do cigarro
Na fogueira que abrasa o Louvre e as Tolherias.

A família é um bordel. Os leitos sensuais
São verdadeiramente esgotos seminais,
Eróticas latrinas,
Onde entre o tumultuar dum debochado gozo
Se fabrica de noite o sangue escrofuloso
Das raças libertinas.

Calemo-nos. Eu ouço as ferraduras de Argus.
É a Ordem e a Lei; correm a trotes largos,
Vêm nesta direção, esconde-te, Jesus!
Metamo-nos aqui num beco, anda ligeiro!
Que, se sabem quem és, meu velho petroleiro,
Mandam-te pendurar segunda vez na cruz.

E agora, Filho, adeus. Eu vou dormir um pouco,
E tu, meu pobre louco,
Descansa inda que seja um breve quarto d'hora;
Tingem-se de vermelho as bandas do Oriente,
É hoje a Aleluia, e necessariamente
Tens de ressuscitar logo ao romper d'aurora.

Eu mais feliz que tu, simples mortal que sou,
Eu, meu amigo, vou
Dormir até que chegue a hora do jantar.
Adeus, e ressuscita apenas surja o dia;
Se queres vem dormir à minha hospedaria,
Que eu mando-te acordar.”

E Arouet partiu, soltando uma cruel risada
E Jesus ficou só na noite desolada,
Naquela colossal Babilônia impudente,
Entre quatro milhões do almas quatro milhões
De tigres, do répteis, de abutres e de leões
Agachados na sombra ameaçadoramente!...

Quem a visse do alto essa Londres deserta
Com a fosforêncica esmorecida, incerta
Da luz do gás a arder sob um céu tumular,
Julgaria estar vendo um grande monstro escuro,
Como que um Leviatã pútrido num monturo

Imenso a fermentar.

A noite era sinistra. Os ventos a galope
Resfolegavam como as forjas dum ciclope
Com uivos de alienado e rugidos de feras.
E o mar bramia ao longe atlético, espumante
Qual marmitta profunda a ferver trovejante
Sobre cem mil crateras.

E Cristo foi andando errante, vagabundo
Através dessa vasta imperatriz do mundo,
Opulenta Gomorra hidrópica do vício,
Que Deus não enxofrou talvez, como costuma,
Porque além de estar caro o enxofre, Deus em suma
Já não pode arruinar-se em fogos de artifício.

E ele ia vendo os mil palácios portentosos
Onde a besta feliz dormia, ébria de gozos,
Um inefável sono.
Em quanto que a miséria anônima, esfaimada
Às três da madrugada
Disputava o jantar no enxurro aos cães sem dono.

As altas catedrais, aonde a burguesia
Vai arrotar um pouco à missa do meio dia;
Tinham como que o ar dum teatro fechado
O aspeto mercantil dum armazém colosso,
Em que Deus ao balcão vende os dogmas por grosso
E o céu por atacado.

Os bancos, Pantagruéis do milhão, monumentos
De mármore e granito e bronze, sonolentos
Molochs, cuja pança obesa é um matadouro,
Na virtuosa paz de monstros em descanso
Digeriam de manso
Nos seus ventres de ferro um Himalaia d'ouro.

Nos mundos hospitais, onde enfim a desgraça
Tem a consolação do agonizar de graça,
Santos, monstros, heróis, - Tropmans, Valjeans, Friné
Ansiavam no estertor do transe derradeiro,
— Lixo que um bonzo vai entregar a um coveiro
Para o calcar aos pés.

E era aquela imundície humana a humanidade!
Tinha valido bem a pena na verdade
Pregado numa cruz morrer como um ladrão,
Para ao cabo de dois mil anos vir achar
Pilatos sob o trono e Caifás sobre o altar
De diadema na frente e báculo na mão!

Arrasou-se de pranto o olhar do Nazareno,
Aquele olhar profundo, aquele olhar sereno
Que outrora deu alívio a tantos corações,
E a linha virginal de seu perfil suave
Turbou-se, apresentando o aspeto mudo e grave
Das nobres aflições.

E marmóreo, espectral, com a frente sombria
Banhada no suor sangrento da agonia
Foi deitar-se outra vez na leiva tumular,
Atleta que expirou transido de mil dores
E quer dormir, dormir entre as ervas e as flores
Onde escorre piedosa a branca luz do luar.

E quando a cristandade à volta do meio dia
Correu ao templo a ver o entremez da Aleluia,
Em lugar dum Jesus banal de ciclorama
Subindo ao firmamento,
D'olhos azuis num céu d'anil, túnica ao vento,
Sobre nuvens de glória, de algodão em rama,
Viu-se na tela um Cristo em fúria, um visionário,
Truculento, febril, colérico, incendiário,
Como que um salteador fugido das galés,
Na boca uma blasfêmia e no olhar um archote,
Expulsando da igreja os cristãos a chicote
E expulsando do altar o papa a pontapés!

A BARCA DE S. PEDRO

Na barca de S. Pedro ex-santo, hoje banqueiro,
São tantos os caixões com bulas da cruzada,
E tanto o ouro em barra, as jóias, o dinheiro,
O navio é tão velho e a carga é tão pesada;

Os anéis, os cetins, as púrpuras, as rendas,
As mitras d'ouro fino, os bentos, as imagens,

As pratas, os cristais, os vinhos, as ofrendas,
Os meninos do coro, os fâmulos, os pajens;

O maciço tropel de cônegos vermelhos,
De sacristãs, bedéis, arqueiros, missionários,
E o damasco, o veludo, os bronzes, os espelhos,
o silabus, a cúria, as forcas, os rosários;

As pipas e os tonéis com águas milagrosas,
Que ainda causam hoje o mais profundo assombro;
Dos velhos cardeais as cortesãs formosas,
E o cura Santa Cruz de bacamarte ao ombro;

Esta orgia pagã, esta riqueza imensa
Atulham de tal forma a barca ultramontana,
É tão desenfreado o vento da descrença,
E o mar é tão revolto, a carga é tão mundana;

Que a barca do senhor, outrora dirigida
Por doze galileus descalços, quase nus,
Ela que atravessava o grande mar da vida
Tendo só por farol os olhos de Jesus;

A barca que através do horror da tempestade,
Arvorando no mastro o pavilhão da Esp'rança,
Levava os corações de toda a cristandade
Ao grande porto ideal da Bem-aventurança;

Hoje ao peso cruel deste deboche hediondo
Essa barca da Igreja, esse colosso antigo
Soçobrará, o Deus, com pavoroso estrondo,
Indo dormir ao pé dos galeões de Vigo.

LADAINHA

S. Ignácio

Bendito quem nos dá o pão de cada dia.

Coro de Santos

Bendita a Estupidez, bendita a Hipocrisia.

S. Ignácio

Bendita seja a forca erguida sobre o mundo.

Coro de Santos

Bendito Carlos sete e D. Miguel segundo.

S. Ignácio

Bendito seja o tigre e o lobo carniceiro.

Coro de Santos

Bendito seja el-rei D. João terceiro.

S. Ignácio

Benditas sejais vós, ovelhas de Maria.

Coro de Santos

E mais a vossa lâ, e mais quem n'a tosquia.

S. Ignácio

Benditos os chacais, benditas as toupeiras.

Coro de Santos

E a língua da verdade e as línguas das fogueiras.

S. Ignácio

Benditos os febris venenos orientais.

Coro de Santos

E o Santo padre Bórgia e muitos Santos mais...

S. Ignácio

Bendita a nossa Fé, Bendita a nossa Igreja.

Coro de Santos

Bendito o nosso ventre! Amém. Bendito seja!

COMO SE FAZ UM MONSTRO

I

Ele era nesse tempo uma criança loira
Vivendo na abundância agreste da lavoura,
Ao vento, a chuva, ao sol, pastoreando os gados,
Deitando-se ao luar nas pedras dos eirados,
Atravessando à noite os solitários montes,
Dormindo a boa sesta ao pé das claras fontes,
Trepando aos pinheirais, às fragas, aos barrancos,
No rijo e negro pão cravando os dentes brancos,
Radioso como a aurora e bom como a alegria.
Quando no azul do céu cantava a cotovia,
Aos primeiros clarões vibrantes da alvorada
Transportava ao casebre o leite da manada,
Acordando, a assobiar e a rir pelos caminhos,
Os lebréus nos portais e as aves nos seus ninhos.
E à tarde quando o sol, extraordinário Rubens,
Na fantasmagoria esplendida das nuvens,
Colorista febril, lança, desfaz, derrama
O topázio, o rubi, a prata, o ouro, a chama,
Ele ia então sozinho, alegre intemerato,
Conduzindo a beber ao trêmulo regato,
A golpes de verdasca e gritos estridentes,
Num ruidoso tropel os grandes bois pacientes.
O seu olhar azul de limpidez virtuosa,
Onde brilhava a audácia heróica e valorosa
A candura infantil e a inteligência rara,
O timbre da sua voz imperiosa e clara,
A linha do seu corpo altivamente reta,
Tudo lhe dava o ar soberbo dum atleta
Em miniatura.

II

Um dia o pai, um bravo aldeão,
Chamou-o ao pé de si, e disse-lhe:

“João:

Á força de trabalho e a força de canseiras
A mourejar no monte e a levar gado às feiras,
Consegui ajuntar ao canto do baú
Alguns pintos. Vocês são dois rapazes; tu,
Além de ser mais novo, és mais inteligente.
Vou botar-te ao latim; quero fazer-te agente.
Hás de me dar ainda um grande pregador.
Hoje padre é melhor talvez que ser doutor.
Aquilo é grande vida; é vida regalada.
Olha, sabes que mais? manda ao diabo a enxada.
Aquilo é que é vidinha! aquilo é que é descanso!
Arrecada-se a cõngrua, engrola-se o ripanço,
Arranja-se um sermão aí com quatro tretas,
Vai-se escorropichando o vinho das galhetas,

E a missa seis vinténs e doze os batizados.
Depois independente e sem nenhuns cuidados!
Olha, João, vê tu o nosso padre cura:
É, sem tirar nem pôr, uma cavalgada.
Vi-o chegar aqui mais roto que os ciganos;
Pois tem feito um casão em meia dúzia d'anos.
Isto é desenganar; padres sabem-na toda...
É o sermão, é a missa, é o enterro, é a boda,
É pinga da melhor, é tudo quando ha!
Quando o abade morrer há de vir tu p'ra cá.
Despacha-te o doutor nas cortes; quando não
Votamos contra ele, e foi-se-lhe a eleição.
Mas que é isso, rapaz? Nada de choradeira!
É tratar da merenda, e quinta ou sexta-feira
Toca pr'o seminário. Eu quero ir para a cova
Só depois de ti ouvir cantar a missa nova.”

III

Numa tarde d'outono a sonolente trote
Um macho conduzia em cima do albardão,
Já coluna da igreja, o novo sacerdote,

O muitíssimo ilustre e digno padre João.
Ao entrarem na aldeia os dois irracionais,
Dos foguetes ao grande e jubiloso estrepito
Um velho recebeu nos braços paternais,
Em vez do alegre filho, um monstro já decrépito
Que acabava de vir das jaulas clericais.
Que transfiguram! que radical mudança!
Em lugar da inocente, angélica criança,
Voltava um chimpanzé estúpido e bisonho.
Com o ar de quem anda alucinadamente
Preso nas espirais diabólicas dum sonho.
Seu corpo juvenil, robusto e florescente
Vergava para o chão exausto de cansaço:
Os dogmas são de bronze, e a lã duma batina
Já vai pesando mais que as armaduras d'aço.
A ignorância profunda, a estupidez suína
A luxúria d'igreja, ardente, clandestina,
O remorso, o terror, o fanatismo inquieto,
Tudo isto perpassava em turbilhão confuso
Na atonia cruel daquele hediondo aspeto,
Na morna fixidez daquele olhar obtuso.
Metida nas prisões escuras de Loiola
A sua alma infantil, não tendo luz nem ar.
Foi com os rouxinóis, que dentro da gaiola
Perdem toda alegria, e morrem sem cantar.

IV

Como ninguém ignora, os sórdidos palhaços
Compram, roubam às mães as loiras criancinhas,
Torcem-lhes o pescoço, as mãos, os pés, os braços,
Transformam-lhes num juco elástico as espinhas,
E exibem-nas depois nos palcos das barracas
Dando saltos mortais e devorando facas
Ante o espanto imbecil da ingênua multidão;
E para lhes cobrir a lividez plangente
Costumam-lhes pintar carnavalescamente
Na face de alvaiade um rir de vermelhão.
Também o jesuitismo hipócrita-romano,
Palhaço clerical, anda pelos caminhos
A comprar, a furtar, assim como um cigano,
As crianças às mães, os rouxinóis aos ninhos.
Vão levá-las depois ao negro seminário,

Ás terríveis galés, ao sacro matadouro,
E escondem-nas da luz, assim como o usurário
Esconde também dela os seus punhados d'ouro.
Dentro da estupidez e da superstição,
Casamata da fé, guardam-lhes a razão,
A análise, esse forte e venenoso fluido,
Que, andando em liberdade, ao mínimo descuido
Poderia estourar com trágica explosão.
O que o palhaço faz ao corpo da criança
Fazem-lh'o à alma, até que dela reste enfim,
Em lugar do histrião que nas barracas dança,
O pobre missionário, o inútil manequim,
O histrião que nos prega a bem-aventurança
A murros do missal e a rancos de latim.
As almas infantis são brandas como a neve,
São pérolas de leite em urnas virginais.
Tudo quanto se grava e quanto ali se escreve
Cristaliza em seguida e não se apaga mais.
Desta forma consegue o astucioso clero
Transformar de repente uma criança loira
Num pássaro noturno estúpido e sincero.
É abrir-lhe na cabeça a golpes de tesoira
A marca industrial do fabricante - um zero!

CALEMBOUR

Ó Jesuítas, vós sois dum faro tão astuto,
Tendes tal corrupção e tal velhacaria,
Que é incrível até que o filho de Maria
Não seja inda velhaco e não seja corrupto,
Andando há tanto tempo em tão má companhia.

A ÁGUA DE LOURDES

Se ergueis uma capela à água milagrosa,
Esse elixir divino,
Então erguei também um templo à caparosa
E outro templo ao quinino.

Se a água faz milagre, o que eu vos não discuto,
E por isso a adorais,
Ajoelhemos então em face do bismuto

E d'outras drogas mais.

Façamos da magnésia e clorofórmio e arnica
As hóstias do sacrário;
Transformemos o templo enfim numa botica
E Deus num boticário.

Que a vossa água opere imensas maravilhas
Eu não duvido nada:
É o Espírito Santo engarrafado em bilhas,
É o milagre à canada.

Desde que se espalhou pelo universo o eco
Do milagre feliz,
Tartufo nunca mais encheu o seu caneco
Em outro chafariz!

ANTONELLI

Uma loba emprenhou um dia de Tartufo,
E Antonelli nasceu deste consorcio bufo.

O seu lábio despreza; o seu olhar dardeja.
Cassagnac de Deus, guarda-costas da Igreja,

Redige as pastorais brutais de que se nutre
Co'um tinteiro de treva e uma pena de abutre.

Bossuet-Ferrabraz e Falstaf-Isaias.
Bebe petróleo negro e gim nas sacristias.

Não há pomba mais tigre ou Santo mais demônio:
Fera, - como Caim! Rato, - como Polônio!

Naquele olhar noturno, inquisidor, que assusta,
Há Nero a murmurar nas sombras com Locusta.

O cabeção que traz na batina de lilás
Eriçam-no punhais: era dum cão de fila.

O tigre deu-lhe o amor e o bode a castidade,
Para um dia expulsar do mundo a Liberdade

Fez um látigo atroz, que corta e que esfarrapa,
Atando uma serpente ao báculo de um papa.

Quando observo esse monstro, essa alimária brava,
Hércules que talhou dum hissope uma clava,

Ao ver-lhe os rins de bronze, e ao ver-lhe a ereta fronte,
Creio estar contemplando ao longe, no horizonte,

Entre o rubro esplendor duma manhã sonora,
Um búfalo de treva às cornadas na aurora!

O DINHEIRO DE S. PEDRO

De tal modo imitou o papa a singeleza
Do mártir do Calvário,
Que à força de gastar os bens com a pobreza
Tornou-se milionário.

Tu hoje podes ver, ó filho de Maria,
O teu vigário humilde
Conversando na bolsa em fundos da Turquia
Com o Barão Rotschild.

A cruz da redenção, que deu ao mundo a vida
Por te haver dado a morte.
Tem-na no seu bureau o padre santo erguida
Sobre uma caixa forte.

E toda essa riqueza imensa, acumulada
Por tantos financeiros,
O que é a economia, oh Deus! foi começada
Só com trinta dinheiros!

AO NÚNCIO MAZELA

O Padre Eterno está coberto do mazelas,
E tu, (teu nome o atesta, ó bonzo,) és uma delas.
Mazela, escuta:

Deus, o Deus em que acredito,
Essa luz que alumina essa noite — o infinito,
Esse eflúvio d'amor que em tudo anda disperso,

Espírito que, enchendo o abismo do universo.
Cabe com todo o seu vastíssimo esplendor
Num olhar de criança ou num cálix de flor,
Esse Deus imortal, único, bom, clemente,
O Deus de quem tu és o herege e eu sou o crente,
Esse Deus ó Mazela, é um Deus plebeu e humilde,
Cuja firma não dá nos banqueiros Rotschild
Crédito algum, um Deus descalço e proletário.
Que em vez de libras guarda em seu profundo erário
Montões d'astros, um Deus do tal maneira vil,
Que não tem cortesãos, não tem lista civil,
Nem bispos, nem cardiais, nem sacristães, nem tropa,
Nem núncios para dar pelas cortes da Europa
Em doirados salões e esplendidas estufas
Festins onde se serve o Evangelho com trufas,
A Bíblia com champagne, e a alma de Jesus,
Bem picada, recheando os faisões e os perus!

Embaixador de quem? de Cristo? não; do papa.
Quem é o papa?

Um Deus inventado à sucapa,
Um Deus para fazer o qual bastam apenas
Quatro coisas: — cardeais, papel, tinteiro e penas.
Deita-se numa saca uma lista qualquer.
Qualquer nome — Gregório, ou Bórgia, ou Lacenaire,
Ou Papavoine — e pronto! em dois minutos fica
Manipulado um Deus autentico, obra rica,
Tonsurado, sagrado, infalível, divino...
Quer dizer, saiu Deus dum bolsa do quino!
É um Deus por concurso, um Deus feitos por tretas,
E em cuja divindade ideal há favas pretas!
Apesar disso é Deus. Vai pousar-lhe no seio
O Espírito Santo, esse pombo correio
Da Providência. É ele o redentor e o oráculo.
A humanidade vai adiante do seu báculo,
Soluçando, ululando, exausta, ensanguentada
Pavoroso tropel de sombras pela estrada
Do destino fatal. O pensamento humano
É simplesmente um cão sabujo e ultramontano,
Um cão vadio, um cão faminto, um cão impuro,
Que o papa recolheu de noite num monturo,
E a quem às vezes dá com parcimônia bíblica,
A pitança dum Breve e o osso dum Encíclica.

Um papa é isto: — um juiz sem lei; onipotente.
Czar das consciências. Pode irremessivelmente
Chamuscá-las em fogo, ou torrâ-las em brasas,
Ou fazer-lhes nascer das costas um par d'azas.

O globo é para ele a bola dum bilhar.

Domina os reis. O Trono é o lacaio do Altar.
Seus templos são prisões e seus dogmas algemas.
Cingem-lhe a fronte augusta e nobre os três diademas,
E na potente mão, invencível harpeu,
Tem as chaves do inferno... e a gazua do céu.

Mazela, o teatro é velho, a receita é pequena,
E há mil anos que está a mesma farsa em cena.

Abaixo a farsa! Abaixo o pardieiro divino,
O céu, que já não tem nem sombras de inquilino.

Serafins, querubins, anjos, legião eterna
Dos eleitos, tudo isso andou, pôs-se na perna,
Deixando lá ficar, ó cáfila d'ingratos!

O cadáver dum Deus roído pelos ratos.

Abaixo o inferno, aonde os demos, meus Irmãos,
Não têm fogo se quer para aquecer as mãos;
Porquê lá onde a cúria os rebeldes despenha
Há sobra do infieis, mas há falta de lenha.

Já nem é forno; aquilo é adega sombria,
Onde o defluxo faz a corte à pneumonia,
E onde não há nariz precito que ande enxuto.

Cada heresiarca suja um lenço por minuto,
De modo que hoje o inferno (oxalá que m'o evites,
Mazela!) é de temer por causa das bronquites.

Abaixo o purgatório! Entre chama ex-faminta,
Que reclama com ânsia algumas mãos de tinta,
Gelam réprobos nus, réprobos em pelote,

Que precisam dum fogo, ó céus, ou dum capote!

Abaixo a farsa! abaixo o entremez da paixão,
Porque o Cristo é de gesso e a cruz de papelão.

Abaixo essa paródia infame em que agoniza
Num Gólgota de lona um clown sem camisa
Que, depois d'expirar convulso, de repente

Salta abaixo da cruz funambulescamente,
E arranca às multidões assombradas e mudas
A espórtula que cai no saquitel do Judas.

Não! o mártir que fez com o seu olhar sublime
O luar do Perdão para a noite do Crime,

E que abriu com a luz da bem-aventurança
Neste cárcere a vida, esta janela - a Esp'rança,
O semi-deus que está, com um farol de glória
No topo da montanha escavada da história
Contemplando o infinito e iluminando a terra,
Essa alma que a flor da alma humana encerra,
Não é vossa, não é de qualquer confraria
Que dispõe duma adega escura, duma pia
E dum padre, não tem o domicilio em Roma,
Não é vinho nem pão que se beba ou se coma,
Merendando, em família. Ess'alma Universal,
Essa concentração divina do Ideal
É de quem sofre, é de quem geme, é de quem chora,
É de todos que vão pela existência fora
Tristes - santo, ou herói, ou escravo, ou prescrito,
Calcando o lodo e olhando os astros no Infinito.
Quando Cristo inclinou, morrendo, a fronte calma,
Foi a Igreja buscar-lhe o corpo e o mundo a alma.
A Igreja recolheu a cinza e nós a luz.
E, louca! julgou ser a esposa de Jesus,
Porque estreitava ao peito um cadáver gelado!
Dez séculos durou na treva esse noivado.
Dez séculos passou a fúnebre bacante
Num sepulcro a oscular as gangrenas do amante,
Unido a cada chaga imunda um beijo em flor,
Tentando reviver ao furioso calor
Desses beijos um corpo inanimado e frio.
Que tragédia dantesca esse himeneu sombrio!
Pobre Heloisa da morte, o teu casto Abeilard
Nem para ti abriu o azul do seu olhar,
Nem murmurou baixinho uma palavra só!
E o Deus tornou-se em lodo abjeto e o lodo em pó!
E na campa nupcial, no tálamo-sentina,
Da carcaça dum Deus fúnebre Messalina,
Putrefata expiraste ao pé da podridão.
É que um cadáver, seja ou dum Cristo ou dum cão.
Matéria morta, exala a mesma pestilência.
Só a alma é imortal; só essa pura essência,
Jamais se decompõe ou jamais se aniquila.
O corpo é simplesmente a alampada de argila;
A alma, eis o clarão. Por isso o Nazareno
Pertence ao mundo. Tu escolheste o veneno,
O cadáver, e nós o Espírito, a alvorada.
E foi com essa hóstia esplendida e sagrada,

Com a alma de luz do Filho e Maria
Que o mundo celebrou a grande eucaristia,
Igreja!... O coração da vítima inocente
Comungamo-lo nós: diluiu-se etereamente,
Cheio de paz e amor, no coração humano.
Foi um sol que expirou. Onde tombou? No oceano.
Mas como, p'ra poder explorar sem canseira
Com o inferno essa mina, a terra essa melgueira,
O velho Padre-Santo, o Redentor-Tichborue,
Precisa dum Jesus sangrento que lhe adorne
O altar, e aos pés do altar necessita que esteja
Toda banhada em pranto a noiva eterna, a Igreja,
E como o noivo e a noiva ambos tinham morrido,
O Padre Santo, que é um padre divertido,
Mandou escriturar então por um cornaca
Uma Igreja a um bordel e um Cristo a uma barraca.

Fora esse Deus! Abaixo esse Deus salafrário,
Deus com ramo de louro à porta do Calvário,
Deus que marcha ao suplicio, à epopéia da Dor
Com Cireneu na frente a rufar num tambor,
Deus de quem Harpagão é caixeiro e Tartufo
Guarda livros, um Deus palhaço, um Cristo bufo,
Um mártir de aluguel, ébrio, que se apregoa
Com guizos a tinir nos espinhos da c'roa,
Um Deus a quem Mandrin passou folha corrida,
Um Deus que fez da morte o seu modo de vida,
Um Deus que representa a farsa da Paixão
Pintado, ensanguentado a vinho e a vermelhão,
Um Deus que sobe ao céu, acrobata farnesio,
Em aeróstato, a vai no banho dum trapézio
A fazer o sinal da cruz e a prancha com limpeza
Idêntica, arrojando à multidão surpresa
Bênçãos angelicais variadas e embrulhadas
Em prospectos, e enfim descendo às gargalhadas,
Para ir repartir em qualquer sacristia
Os lucros da função por toda a companhia!

Que rega-bofe! O Cristo, um magro ator de fama,
Estropiado galã senil depois do drama,
Lava o gesso e o zarcão da tramóia sangrenta
Com a esponja do fel na pia da água benta.
A Madalena, vesga e sórdida rameira,
Guarba os seios de estopa, o prato, a cabeleira,

Limpa a maceração do olhar, que causa asco,
Feita a rolha queimada e inútil d'algum frasco
De mercúrio ou de absinto, e, como uma alcatéia,
Atira-se esfaimada ao bacalhau da ceia.
O bom do Cirineu, a transpirar, pragueja;
Manda aos quintos a cruz e manda ao diabo a igreja;
Despe a farpela, e bebe a rir alegremente,
Dum trago só, canada e meia de aguardente.
Pilatos o pançudo e calvo safardana
Ronca, dormindo. A vil soldadesca romana
Tira as barbas, e põe muitíssimo pacata
Num baú os morriões e espadagões de lata.
O bom e o mau ladrão jogam a bisca. O anjo
Que partira o sepulcro, um robusto marmanjo,
Desparafusando as azas d'ouro e o nimbo,
Pede ao velho Caifás lume para o cachimbo
E grave e silencioso, a um canto o tesoureiro
— Judas, reparte, empilha em montes o dinheiro
Da recita, tirando o quinhão do empresário
— O Papa a quem pertence o Teatro do Calvário.
E dividida a prosa e ruminada a orgia,
Ao sagrado e doirado alvorecer do dia,
Lá vai esse roldão de sevandijas podres,
Cambaleante tropel de ventres feitos odres.
Indo dormir talvez, oh pandega, oh delícia!
Jesus co'a Madalena à esquadra de policia.

Vamos! basta de farsa, e basta de farsantes!
Mil bombas a vapor jorrem desinfetantes
Nesse velho bordel da Igreja o vaticano,
Cólera! faz-te mar, Justiça! faz-te oceano,
E inundai, submergi o Versalhes maldito
De Jeová, Rei-sol macróbio do infinito.
Vamos, fogo ao covil! E enquanto os salteadores,
Núncios, bispos, cardeais, conegos, monsenhores,
Truculenta manada obesa de hipopótamos
Virgem-mãe dos heróis, ó Liberdade! enxotam'os,
E faze-m'os transpor, a grunhir, sem demoras
As fronteiras do globo em vinte e quatro horas!

LADAINHA MODERNA

S. Leão 13-dai-nos bons bispados,

S. Leão 13-que nos possam dar
S. Leão 13-vinte mil cruzados.
S. Leão 13-fora o pé d'altar.

Santo Antonelli - dai-nos confessadas
Santo Antonelli - novas, já se vê;
Santo Antonelli - é melhor casadas,
Santo Antonelli - bem sabeis porque...

Ó Santo Bórgia - há tanta gente avara!...
Ó Santo Bórgia - há tantos imbecis!...
Ó Santo Bórgia - como se prepara,
Ó Santo Bórgia - o tal xarope... diz!...

Santa de Lourdes - sois incomparável!
Santa de Lourdes - muita água deita
Santa de Lourdes - vossa inesgotável
Santa de Lourdes - fonte... de receita!

Ó Santa madre - míseros, mesquinhos,
Ó Santa madre - vemo-nos atônitos,
Ó Santa madre - p'ra educar sobrinhos
Ó Santa madre que tem pais incógnitos.

Ó Santa igreja mete-nos, no buxo
Ó Santa igreja - p'ra dár tom à fibra,
Ó Santa igreja - alguns te-deuns de luxo
Ó Santa igreja - e muita missa a libra

Santo Cinismo - chapa-nos nas faces
Santo Cinismo - um tal estanho enfim,
Santo Cinismo - que tu mesmo embaces
Santo Cinismo - ao ver cinismo assim.

Santa Intrujice - entrega as almas toscas
Santa Intrujice - ás nossas artimanhas...
Santa Intrujice - Deus destina as moscas
Santa Intrujice - ao papo das aranhas.

S. Rega-bofe - dai-nos bambochatas
S. Rega-bofe - até rolar não chão...
S. Rega-bofe - pipa e sermonatas!
S. Rega-bofe - porco e cantochão!

Santa Barriga - única santa nossa,
Santa Barriga - grande santa és!
Santa Barriga - alarga, estende, engrossa
Santa Barriga - e vai da boca aos pés

Santa Preguiça-Santa que consolás,
Santa Preguiça-não há nada igual
Santa Preguiça-a um bom colchão de molas
Santa Preguiça-e mais etcet'ra e tal!...

S. Venha-a-nós - realiza este desejo,
S. Venha-a-nós - ingênuo e timorato:
S. Venha-a-nós - faz do universo um queijo
S. Venha-a-nós - e faz de nós um rato!

O MELRO

O melro, eu conheci-o:
Era negro, vibrante, luzidio,
Madrugador, jovial;
Logo de manhã cedo
Começava a soltar dentre o arvoredado
Verdadeiras risadas de cristal.
E assim que o padre cura abria a porta
Que dá para o passal,
Repicando umas finas ironias,
O melro dentre a horta
Dizia-lhe: "Bons dias!"
E o velho padre cura
Não gostava daquelas cortesias.

O cura era um velhote conservado,
Malicioso, alegre, prazenteiro;
Não tinha pombas brancas no telhado,
Nem rosas no canteiro;
Andava às lebres pelo monte, a pé,
Livre de reumatismos,
Graças a Deus, e graças a Noé.
O melro desprezava os exorcismos
Que o padre lhe dizia:
Cantava, assobiava alegremente,
Até que ultimamente
O velho disse um dia:

“Nada, já não tem jeito! este ladrão
Dá cabo dos trigais!
Qual seria a razão
Porque Deus fez os melros e os pardais?!”

E o melro no entretanto,
Honesto como um santo,
Mal vinha no oriente
A madrugada clara
Já ele andava jovial, inquieto,
Comendo alegremente, honradamente,
Todos os parasitas da seara
Desde a formiga ao mais pequeno inseto.
E apesar disto o rude proletário,
O bom trabalhador,
Nunca exigiu aumento de salário.

Que grande tolo o padre confessor!

Foi para a eira o trigo;
E armando uns espantalhos
Disse o abade consigo:
“Acabaram-se as penas e os trabalhos.”
Mas logo do manhã, maldito espanto!
O abade, inda na cama,
Ouviu do melro o costumado canto,
Ficou ardendo em chama;
Pega na casadeira,
Levanta-se dum salto,
E vê o melro a assobiar na eira
Em cima do seu velho chapéu alto!

Chegou a coisa a termo
Que o bom do padre cura andava enfermo,
Não falava nem ria,
Minado por tão intimo desgosto;
E o vermelho oleoso do seu rosto
Tornava-se amarelo dia a dia.
E foi tal a paixão, a desventura,
(Muito embora o leitor não me acredite)
Que o bom do padre cura
Perdera... o apetite!

* * *

Andando no quintal um certo dia
Lendo em voz alta o Velho Testamento
Enxergou por acaso (que alegria!
Que ditoso momento!)
Um ninho com seis melros escondido
Entre uma carvalheira.
E ao vê-los exclamou enfurecido:

“A mãe comeu o fruto proibido;
Esse fruto era a minha sementeira:
Era o pão, e era o milho;
Transmitiu-se o pecado.
E, se a mãe não pagou, que pague o filho,
É doutrina da Igreja. Estou vingado!”

E engaiolando os pobres passaritos
Soltava exclamações:
“É uma praga. Malditos!
Dão-me cabo de tudo estes ladrões!
Raios os partam! andai lá que enfim...”

E deixando a gaiola pendurada
Continuou a ler o seu latim
Fungando uma pitada.

* * *

Vinha tombando a noite silenciosa;
E caía por sobre a natureza
Uma serena paz religiosa,
Uma bela tristeza
Harmônica, viril, indefinida.
A luz crepuscular
Infiltra-nos na alma dolorida
Um misticismo heróico e salutar.
As árvores, de luz inda doiradas,
Sobre os montes longínquos, solitários,
Tinham tomado as formas rendilhadas
Das plantas dos herbários.
Recolhiam-se a casa os lavradores.
Dormiam virginais as coisas mansas:
Os rebanhos e as flores,

As aves e as crianças.

la subindo a escada o velho abade;
A sua negra, atlética figura
Destacava na frouxa claridade,
Como uma nodoa escura.
E introduzindo a chave no portal
Murmurou entre dentes:

“Tal e qual... tal e qual!...
Guisados com arroz são excelentes.”

* * *

Nasceu a lua. As folhas dos arbustos
Tinham o brilho meigo, aveludado
Do sorriso dos mártires, dos justos.
Um eflúvio dormente e perfumado
Embebedava as seivas luxuriantes.
Todas as forças vivas da matéria
Murmuravam diálogos gigantes
Pela amplidão etérea.
São precisos silêncios virginais,
Disposições simpáticas, nervosas,
Para ouvir estas falas silenciosas
Dos mudos vegetais.
As orvalhadas, frescas espessuras
Pressentiam-se quase a germinar.
Desmaiavam-se as cândidas verduras
Nos Magnetismos brancos do luar.

.....

* * *

E nisto o melro foi direito ao ninho.
Para o agasalhar andou buscando
Um penugens doces como arminho,
Um feltrosito acetinado e brando.
Chegou lá, e viu tudo.
Partiu como uma frecha; e louco e mudo
Correu por todo o matagal; em vão!
Mas eis que solta de repente um grito
Indo encontrar os filhos na prisão.

“Quem vos meteu aqui?!” O mais velhito
Todo tremente, murmurou então:

“Foi aquele homem negro.-Quando veio
Chamei, chamei... Andavas tu na horta...
Ai que susto, que susto! Ele é tão feio!...
Tive-lhe tanto medo!... Abre esta porta,
E esconde-nos debaixo da tua aza!
Olha, já vão florindo as açucenas;
Vamos a construir a nossa casa
Num bonito lugar...
Ai! quem me dera, minha mãe, ter penas
Para voar, voar!”

E o melro alucinado
Clamou:

“Senhor! Senhor!
É por ventura crime ou é pecado
Que eu tenha muito amor
A estes inocentes?!
Ó natureza, ó Deus, como consentes
Que me roubem assim os meus filhinhos,
Os filhos que eu criei!
Quanta dor, quanto amor, quantos carinhos,
Quanta noite perdida
Nem eu sei...
E tudo, tudo em vão!
Filhos da minha vida!
Filhos do coração!!...
Não bastaria a natureza inteira,
Não bastaria o céu para voardes,
E prendem-vos assim desta maneira!...
Covardes!
A luz, a luz, o movimento insano
Eis o aguilhão, a fé que nos abrasa...
Encarcerar a aza
É encarcerar o pensamento humano.
A culpa tive-a eu! quase à noitinha
Parti, deixei-os sós ...
A culpa tive-a eu, a culpa é minha,
De mais ninguém!... Que atroz!
E eu devia sabê-lo!

Eu tinha obrigação de adivinhar...
Remorso eterno! eterno pesadelo!...

.....
Falta-me a luz e o ar!... Oh, quem me dera
Ser abutre ou ser fera
Para partir o cárcere maldito!...
E como a noite é límpida e formosa!
Nem um ai, nem um grito...
Que noite triste! oh noite silenciosa!...”

* * *

E a natureza fresca, onipotente,
Sorria castamente
Com o sorriso alegre dos heróis.
Nas sebes orvalhadas,
Entre folhas luzentes como espadas,
Cantavam rouxinóis.

Os vegetais felizes
Mergulhavam as sôfregas raízes
A procurar na terra as seivas boas,
Com a avidez e as raivas tenebrosas
Das pequeninas feras vigorosas
Sugando à noite os peitos das leoas.
A lua triste, a lua merencória,
Desdemona marmórea,
Rolava pelo azul da imensidade,
Imersa numa luz serena e fria,
Branca como a harmonia,
Pura como a verdade.
E entre a luz do luar e os sons e as flores,
Na atonia cruel das grandes dores,
O melro solitário
Jazia inerte, exânime, sereno,
Bem como outrora a mãe do Nazareno
Na noite do calvário!...
Segundo o seu costume habitual,
Logo de madrugada
O padre-cura foi para o quintal,
Levando a bíblia e sobraçando a enxada.
Antes de dizer missa,
O velho abade inevitavelmente

Tratava da hortalica
E rezava a Deus Padre Onipotente
Vários trechos latinos,
Salvando desta forma juntamente
As ervilhas, as almas e os pepinos.

E já de longe ia bradando:

- “Olé!
Dormiram bem?... Estimo...
Eu lhes darei o mimo,
Canalha vil, grandíssima ralé!
Então vocês, seus almas do diabo,
Julgavam que isto que era só dar cabo,
Da horta e do pomar,
E bico alegre e estômago contente,
E o camelo do cura que se aguente,
Que engrole o seu latim e vá bugiar!...
Grandes larápios!... Era o que faltava.
Vocês irem ao milho,
E a mim mandar-me à fava!
Pois muito bem, agora que vos pilho
Eu vos ensinarei, meus safardanas!
Vocês são mariolões, são ratazanas,
Tem bico é certo, mas não tem tonsura...
E nas manhas um melro nunca chega
Ás manhas naturais dum padre-cura.
O melhor vinho que encontrar na adega
É para hoje, olé!... Que bambochata!
Que petisqueira! Melros com chouriço!...
E então a Fortunata
Que tem um dedo e um jeito para isso!...
Hei de comer-vos todos um a um,
Lambendo os beiços, com tal gana enfim
Que comendo-vos todos, mesmo assim
Eu fico ainda quase que em jejum!
E depois de vos ter dentro da pança,
Depois de vos jantar,
Vocês verão como o velhote dança,
Como ele é melro e sabe assobiar!...”

Mas nisto o padre cura titubeante,
Quase desfalecendo,
Atônito de horror, parou diante

Deste drama estupendo:

O melro, ao ver aproximar o abade,
Despertou da atonia,
Lançando-se furioso contra a grade
Do cárcere. Torcia,
Para os partir os ferros da prisão,
Crispando as unhas convulsivamente
Com a fúria dum leão,
Batalha inútil, desespero ardente!
Quebrou as garras, depenou as azas
E alucinado, exangue,
Os olhos como brasas,
Herói febril, a gotejar em sangue,
Partiu num vôo arrebatado e louco.
Trazendo dentro em pouco
Preso no bico um ramo de veneno,
E belo e grande e trágico e sereno
Disse:

“Meus filhos, a existência é boa
Só quando é livre. A liberdade é a lei.
Prende-se a aza, mas a alma voa...
Ó filhos, voemos pelo azul!... Comei!-”

E mais sublime do que Cristo quando
Morreu na cruz, maior do que Catão,
Matou os quatros filhos, trespassando
Quatro vezes o próprio coração!
Soltou, fitando o abade, uma pungente
Gargalhada de lágrimas, de dor,
E partiu pelo espaço heroicamente,
Indo cair, já morto, de repente
Num carcavão com silveirais em flor.

E o velho abade, lívido d'espanto,
Exclamou afinal:

“Tudo que existe é imaculado e é santo!
Há em toda a miséria o mesmo pranto,
E em todo o coração há um grito igual.
Deus semeou d'almas o universo todo.
Tudo o que vive ri e canta e chora...
Tudo foi feito com o mesmo lodo,
Purificado com a mesma aurora.

Ó mistério sagrado da existência,
Só hoje te adivinho,
Ao ver que a alma tom a mesma essência
Pela dor, pelo amor, pela inocência,
Quer guarde um berço, quer proteja um ninho!
Só hoje sei que em toda a criatura.
Desde a mais bela até à mais impura,
Ou numa pomba ou numa fera brava,
Deus habita, Deus sonha, Deus murmura!...

.....

.....

Ah, Deus é bem maior do que eu julgava!...”

E ficou silencioso. O velho mundo,
Das suas crenças antigas, num momento,
Viu-o sumir exausto, moribundo
Nos abismos sem fundo
Do tenebroso mar do Pensamento.
E chorou e chorou... A Igreja, a Crença.
Rude montanha pavorosa, escura,
Que enchia o globo com a sombra imensa
Dos seus setenta séculos d'altura;
O Himalaia de dogmas triunfantes,
Mais eternos que o bronze e que o granito,
Onde aos profetas Deus falava dantes
Entre raios e nuvens trovejantes
Lá dos confins sidérios do infinito;
Esse colosso enorme, em dois instantes
Viu-o tremer, fender-se e desabar
Numa ruína espantosa,
Só de tocar-lhe a aza vaporosa
Duma avezinha trêmula, a expirar!...

.....

.....

E, arremessando a bíblia, o velho abade
Murmurou:

“Há mais fé e ha mais verdade
Há mais Deus com certeza
Nos cardos secos dum rochedo nu
Que nessa bíblia antiga... Ó Natureza,
A única bíblia verdadeira és tu!...”

CIRCULAR
(*Fragmento*)

Deus & Filho. Bazar da fé. Venda forçada.
Pela barca de Pedro, a Judas consignada,
Chega um rico sortido em modas da estação.
Ver para crer! Surpresa! Atenção, ocasião
Única! aproveitai, comprai! Pechincha certa!
Ao bazar do Calvário! Ao Nazareno! Alerta,
Cristãos! É o desfazer da feira. Último dia!
Toda a casta de objeto ou de quinquilharia
Que esteja em relação com negócios de igreja.
Velas especiais para quando troveja,
Aplacando de pronto a cólera divina.
Sem cheiro e sem mistura alguma de estearina.
Santa Bárbara, a quem a fé cristã se roja,
Quando atroa, não gasta as velas d'outra loja,
Nem outras recomenda o concílio de Trento.
Em pacotes de seis. Por junto abatimento.

Água de Lourdes, fresca. Em pipas, ao quartilho
E em garrafa. Exigir a marca Deus & Filho
Na etiqueta, e na rolha, a fogo Providência
Genuína só a há à venda nesta agência.
Dez anos de sucesso e mil milhões de curas
Eficaz contra a caspa e contra as mordeduras
De cobra cascavel ou cão danado ou pulga
Ou percevejo. Faz, Tartufo assim o julga,
Nascer ao mesmo tempo o apetite e o cabelo,
Boa no hemorroidal e útil no serampelo.
Reumatismos, terçãs e outras moléstias varias
Cura-as num prompo. Expulsa as bichas solitárias
E expulsa o Demo. Purga: os ventres desentope-os.
Sem cólicas, com três ou quatro semicúpios.
Em cegos de nascença e tísicos de peito
Isso então é instantâneo, é certo o seu efeito.
Uma perna amputada unta-se, e em dois instantes
Torna a crescer e fica inda maior que dantes.
Em leicenças não falha. Em dor de dentes, isso
É bebê-la e ficar sem dor. Não há feitiço
Que resista. Uma vez uma morta tomou-a,
Espirrou e ficou inteiramente boa!
Prevenimos no entanto o público defunto
Que casos destes há uns trinta e dois por junto

Apenas. Endireita a espinhela caída,
Extraí calos, reduz fleimões, prolonga a vida,
Marca a roupa, e sem dano algum e sem fedor
Torna o cabelo e a barba à primitiva cor.

Relíquias. Sortimento a capricho. Em ossadas
Dos apóstolos, hoje as mais acreditadas
No mercado, chegou variedade infinita,
Cabeças de S. João, só vendo se acredita,
Onze mil! onze mil, e damo-las sem ganho!
Os preços é segundo o feitio e o tamanho.
(E convém declarar e advertir desde já
Que ossos de imitação não se encontra por cá.
Atestados legais e autênticos o provam.)
Há um monumental e rico S. Cristovam,
Oito metros de largo e uns oitenta de altura,
Que, como não tem tido até hoje procura,
Decidimos vender, para liquidação,
A retalho. É de graça: o quilo a meio tostão.
O público achará sempre neste bazar
De qualquer santo, ainda o mais particular,
Um esqueleto ou dois continuamente à venda.
Desejando porção, fazem-se de encomenda.
Desconto extraordinário em transações por grosso.
Garante-se o fabrico e a solidez do osso
Que empregamos. A todo o esqueleto montado
Nesta casa vai junto, e em forma, um atestado
Escrito sobre a pel' e pela própria mão
Do próprio santo, a quem a carcaça em questão
Pertencera, e que diz: — Eu juro à fé de Deus
Que estes ossos, tal qual estão, eram os meus.
Aviso: é bom comprar peças sobresselentes:
Pelo menos um sacro, um nariz e alguns dentes.
Encontram-se também avulso qualquer delas
Cóccix, peroneus, omoplatas, costelas.
Tíbias, tarsos, enfim tudo que uma alma pia
Possa achar num manual cristão de osteologia.
Em dedos do Destino há um soberbo exemplar:
É o mesmo que escreveu outrora a Baltasar
No salão do festim a trágica sentença,
Dá-se por dez tostões essa caneta imensa
Do Destino há também o olho verdadeiro,
Em vidro ou em cristal, por dúzia ou por milheiro,
Negros, verdes, azuis, obra muito barata,

Engastado em ouro, em níquel ou em lata.
E hoje a grande moda, e são dum belo efeito
Para botões de punho e alfinetes de peito.
Há enfim mais de dez milhões de toneladas,
De crânios sem valor, e de antigas ossadas,
Que o caruncho roeu e converteu em cisco,
Como são vinte mil braços de S. Francisco,
Et cet'ra... Esse calcário, (inútil nesta casa,)
Vende-se para esterco a três vinténs a rasa.

Vera-cruz. Qualidade esplendida, extra-fina
Autentica; a melhor que vem da Palestina.
Em pó, em serradura, em lascas, aos bocados,
E posta em obra desde a cama de casados,
Desde o piano d'Erard ou da credencia até
Ao báculo do bispo e ao *steeck* do *crevé*.
Trabalhada a primor em mil objetos vários:
Em facas de cortar papel ou em rosários,
Em imagens do papa ou em boquilhas, em
Cabides, castiçais, presepes de Belém,
Bandejas para chá, agnus-Dei, crucifixos,
Lavatórios, etc. Ao rabais. Preços fixos.
Nos nossos armazéns com serras a vapor
Vendemo-la igualmente, a cruz do Redentor,
Em ripas; em pranchões e em traves colossais
Para marcenaria e construções navais.

.....
.....

Como hoje o negócio está muito bicudo,
Trespasa-se o armazém do Calvário com tudo
Que tem dentro. Escrever para o nosso bazar,
Largo dos Intrujões, 5, 1º andar.

A BÊNÇÃO DA LOCOMOTIVA

A obra está completa. A máquina flameja,
Desenrolando o fumo em ondas pelo ar.
Mas antes de partir mandem chamar a Igreja
Que é preciso que um bispo a venha batizar.

Como ela é com certeza o fruto de Caim,
A filha da razão, da independência humana,
Botem-lhe na fornalha uns trechos em latim,

E convertam-n'a à fé Católica Romana.

Devem n'ela existir diabólicos pecados,
Porque é feita de cobre e ferro; e estes metais
Saem da natureza, ímpios, excomungados,
Como saímos nós dos ventres maternos!

Vamos, esconjurai-lhe o demo que ela encerra,
Extraí a heresia ao aço lampejante!
Ela acaba de vir das forjas d'Inglaterra,
E há de ser com certeza um pouco protestante.

Para que o monstro corra em fervido galope,
Como um sonho febril, num doido turbilhão,
Além do maquinista e necessário o hissope,
E muita teologia... além d'algum carvão.

Atirem-lhe uma hóstia à boca famulenta,
Preguem-lhe alguns sermões, ensinem-n'a a rezar,
E lancem na caldeira um jorro d'água benta,
Que com água do céu talvez não possa andar.

A HIDRA

(Vendo passar seminaristas)

Olhai, vede-os passar em legiões escuras,
Intonsos, apesar de todas as tonsuras,
Com um ar imbecil, caliginoso, estranho,
Marcados a tesoura assim como um rebanho,
E envoltos em crueis balandras de entremez,
As lobas, sob as quais há lobos muita vez!...
Ó galuchos da Fé, recrutas do Divino,
Que um chocalho de bronze hiperbólico um sino
Faz erguer, faz dormir, faz deitar, faz andar,
Eu não sinto por vós, marionetes do altar,
Nem ódio nem rancor. Sois vítimas. Loiola
Dobra-vos a cerviz com a canga da estola,
E jungindo-vos, bois noturnos, ao arado,
Rasga convosco o negro e fúnebre valado
Aonde o vosso Deus semeia para a infância
A flor da estupidez e o trigo da ignorância.
A Igreja, a cortesã sensual de ventre obeso,
Ontem mulher de Cristo e hoje mulher de Crespo,

Para a rapina odiosa e vil de que se nutre
Mochos, deu-vos a calva ortodoxa do abutre!
Matilha de Leão XIII a vossa preza é o mundo,
Tartufo, bode obsceno e teólogo profundo,
Ensina-vos, conforme o ritual mais perfeito,
A cruzar, como S. Francisco, as mãos no peito,
Sob a sotaina arqueando a gravidez das panças,
A impor jejuns, benzer caixões salgar crianças,
A grunhir, a ladrar sermões, missas cantadas,
E a escriturar o céu por partidas dobradas.
Não vos odeio não, pálidos salafários;
Vós sois unicamente os comparsas mortuários
Do papa, esse Barnum que assombra a multidão,
Com o Espírito Santo a vir comer-lhe a mão
Satanás a frigir (sarrabulhada trágica!)
Heresiarchas de estopa em caldeirão de mágica,
E Jeová, um urso estúpido e cruel
A lamber-lhe a sandália, a babujar-lhe o anel,
E a ameaçar furibundo este mundo precito
A rufos de trovões no tambor do infinito.
A Igreja é uma serpente escura, bicho imundo,
Gigantesco réptil que dá a volta ao mundo,
E em cujas espirais ébrias de raiva insana
Um Laconte mortal a consciência humana;
Há século se estorce em convulsão atroz.
Os elos desse monstro implacável sois vós,
Sacristãs. A cabeça é o papa.
Ora as serpentes
Tem a força na cauda e o veneno nos dentes.

A VALA COMUM

I

Vala comum — tasca nojenta,
Mesa redonda sepulcral,
Aonde a toalha crapulenta
É um lençol roto do hospital,

E aonde as larvas proletárias
Devoram lúgubres festins!
Crânios de heróis, ventres de parias,
Carcaças podres de arlequins,

Ao contemplar-te, ó libertina,
Um nojo imenso me acomete:
Tens a avidez de Messalina
Na boca negra de Macbeth!

Na treva aziaga o crime o os vícios,
Para o menu do teu jantar,
Dão-te as crianças dos hospícios
E as barragãs do lupanar.

Em teu estômago de hiena
Vão-se abismar, monstro cruel,
Rios de sangue com gangrena
E ondas de lágrima com fel.

Cloaca pútrida e funérea,
Feira da ladra hedionda e vil,
És o saguão onde a miséria
Despeja à noite o seu barril.

Trituras, lôbrega sarjeta,
Sem que o horror te engasgue e abafe
Os seios virgens de Julieta
E a pança obscena de Faltstaff.

Cinismo atroz que a alma oprime,
Fétida e fúnebre impudência!
A boca esquálida do crime
Posta na boca da inocência!

O abutre e a pomba, o cardo e a anêmona
Na mesma leiva apodrecida:
Tropman chegando-se a Desdemona,
E Papavoine a Margarida!

Virtude, amor, crime, deboche
Promiscuamente a fermentar!
Mimi Pinson e Rigolboche!
Caim e Abel! estrume e luar!

Oh, bulimia tenebrosa!
Monstruosidade apocalíptica
Tudo te serve: ou cancro ou rosa,
Ou flor doirada ou flor sifilítica.

Anjos que vem do paraíso,
Candura etérea e perfumada,
Feitos dum beijo e dum sorriso,
N'algum jardim, de madrugada.

Vão confundir-se nessa goela,
Nessa pestífera anarquia
Com quantas lepras uma viela
Possa escarrar numa enxovia!

As guilhotinas homicidas
Pelo carrasco, o fiel criado,
Mandam-te o *lunch* às escondidas
No seu panier ensanguentado,

E o cadafalso, um salteador,
Na noite lívida estrangula
Feras, que arroja no estertor
Aos antros podres da tua gula.

Nada que te encha ou te sufoque.
Monstro, absorver é o teu destino.
Depois da ceia de Moloch,
Ruges co'a fome de Hugolino

Sempre a comer, monstro insensato,
E a boca sempre escancarada!
O esquife, harpia, eis o teu prato!
E o teu talher a pá e a enxada!

Vala comum, despenhadeiro
De lírios brancos e de sapos,
Furna onde o Nada, esse trapeiro,
Faz o armazém dos seus farrapos.

Quantos heróis oh raiva, oh ódio!
Teu lobo amargo apodreceu
Desde Aristogíton e Harmódio
Até Camões e Galileu!

Deus que te fez sempre esfaimada,
Deu-te também, pança gigante,
Por cozinheiro Torquemada,

E Bonaparte por marchante.

Atila e Nero o tigre e o lobo,
Noventa e três, Saint Barthélémy,
Eis hecatombes para o globo
Que são banquetes para ti.

Quando famélica te nutres
Dum Warterloo, grandiosa prosa,
Sustentas todos os abutres
Só co'as migalhas da tua mesa!

Para o teu último festim,
Gargântua sórdido e voraz,
Foi aos açougues de Berlim
A Morte a encher o seu cabaz.

És magro e fúnebre molosso
Há milhões d'anos sempre a uivar:
Ó Guerra, traz-me o meu almoço!
Ó Peste, traz-me o meu jantar!

Servo, Felah, Moujik, Escravo,
Plebe sem pão, mendigos nós,
Bocas que tem ainda o travo
Do fel da esponja de Jesus;

Mártires, vítimas, proscritos,
Legião de heróis resplandecente,
Que ensanguentados e malditos
Revoluteiam febrilmente,

Raios no olhar, grilhões nos pulsos,
Ao céu em brasa a fronte erguida,
Nos sete círculos convulsos,
Do inferno trágico da Vida;

Todo esse exército ululante
Que em rouco e pálido tropel
Vem pela história humana adiante,
Desde Caim até Rossel;

Tudo que estoura de miséria,
Tudo o que ruge na opressão,

Desde o grilheta da Sibéria
Até ao paria do Indostão;

Todo esse bárbaro massacre,
Da guerra, enorme Leviatã,
Zama, Farsália, S. João d'Acre,
Jena, Austerlitz, Sedan;

Todo esse vomito de horrores
E do catástrofes sombrias,
Profundo atlântico de dores,
Negro Himalaia de agonias,

Todo esse lodo Deus impele-o
Ao teu estômago sem dó:
És a barriga de Vitélio,
Cheia das pústulas de Jó!...

II

E entre esse tábidos fermentos,
Entre esses horror de coisa más,
Fossa à procura de alimentos,
Um porco imundo-Satanás.

Essa latrina de Pandora,
Pensando bem, é afinal
A escarradeira onde expetora
Jeová a bílis imortal.

Como ele é velho, com o frio
Tosse; o Prudome diz-lhe então:
— Deus, aqui tens este bacio...
Não vás cuspir no meu salão.

E às vezes do alto do infinito,
Talvez depois dum mau jantar,
O Padre Eterno faz cabrito
E enche o bacio a transbordar.

E o pote enorme onde cuspinha
O truculento Manitu,
Sem ninguém ver, logo à noitinha
Vai despejá-lo Belzebu.

Vai despejá-lo, ó crueldade!
Lá nessas tórridas galés,
Onde Deus assa a humanidade
No fogo a que ele aquece os pés!

Porque, ó eternos deserdados
Da raça impura de Caim,
Morrendo sois encaixotados
Sem água benta e sem latim.

Se algum vos dão é já com ranço,
É já latim para hospitais,
Feito com cisco de ripanso
E as varreduras dos missais.

A igreja dá, barata feira!
Ao vosso último estertor
Óleos de azeite de purgueira
E hóstias de trapos com bolor.

Por isso a vala é um alçapão
De donde rui a todo instante
Um tremedal de podridão
Num mar de enxofre flamejante.

Castigo bárbaro e nefando!
Em monstruosos caldeirões
Ondas de pez tonitruando,
Roucos, uivando, aos borbotões,

E dentro vós, pobres cativos,
Em sangue, em chagas, todos nus,
A morrer sempre e sempre vivos,
Sempre a coser e sempre crus!

Em lagos rutilos de estanho,
Bramindo pragas em latim,
Milhões de hereges tomam banho...
Olhai que espiga um banho assim!...

Estes frigididos em certãs,
Dentro do azeite que extravasa.
Outros perneando, como rãs,

Na empalação dum raio em brasa!

Uns são torrados sobre grelhas.
E os diabos vem continuamente
Naquelas nádegas vermelhas
Cravar com fúria o seu tridente!

Muitos estoura-lhes a pança
Entre os coléricos anéis
De vinte cilhas, que lembrança!
Feitas de cobras cascavéis!

E em torno aos fúlgidos braseiros
Onde um bom Deus, poderoso e justo
Rebenta as almas aos milheiros,
Como as castanhas num magusto,

Pincham selváticos fandangos
Satãs frenéticos e maus,
Rabudos como orangotangos,
Cornudos como Menelaus!

E é por não dar uns seis ou sete
Tostões ao odre de um abade
Que a Providência vos derrete,
Ímpios, por toda a eternidade!

Côngrua e foliar palha e bolota
Ao teu abade, ímpio, não dás?
Pois bem, Deus põe-te de compota
Num molho ardente de agurrás.

Ah, tu rebelde, ah, tu faminto,
Nunca a chorar foste depor
Três mil remorsos com um pinto
Nas mãos dum padre confessor?

Ah, tu mandaste a Igreja à fava?
Nunca compraste uma cartilha?
Cose-te em pez, torra-te em lava.
Anda, meu besta, meu pandilha!

É em quanto Deus te frita os untos
E o coração numa panela,

Que vida airada os bons defuntos
Passam no céu!... que vida aquela!

Pois cá por baixo aos maganões
Nunca também lhes faltou nada;
Tiveram crenças e milhões...
Deus gosta assim de gente honrada.

Comeram ótimos jantares,
Perfeitamente digeridos;
Foram cristãos e titulares.
Bons pais, bons filhos, bons maridos.

Aos seus palácios luculianos
(O que é virtude e pundonor!)
Durante quase oitenta anos
Não bateu nunca um só credor!

Amaram todos os pecados,
Que são mortais, mas são gentis,
Com todo o encanto fabricados
Para os banqueiros, em Paris.

Dormira sempre num bom leito
Co'as mais formosas cortesãs.
E o ventre sempre satisfeito,
E livre... todas as manhãs.

Gozaram sim, mas na verdade
Foram à missa muitas vezes,
Com toda a pompa e majestade
Dentro dos seus landeaus ingleses.

Se algum remorso impertinente
As almas castas lhes mordida,
Catava-o logo com um pente
Um bispo numa sacristia.

Crendo nos dogmas mais profundos,
E achando a vida um bom lameiro
Tiveram sempre Autor dos Mundos
Por um perfeito cavalheiro.

Deram de graça a vários santos,

A Jesus Cristo e à mãe das Dores
C'roas, chinós, túnicas, mantos,
Borzeguins d'ouro e resplendores.

Por isso o tal Autor, que acabo
Do vos citar, os tratou bem;
Deus é levado do diabo
Só para os pulhas sem vintém.

E quando ao cabo da função,
Velhos sem dentes, já na espinha,
A Morte, de chapéu na mão,
Lhes foi tocar à campainha,

Para espicharem dignamente,
Agasalhados na sua cama,
O papa enviou-lhes de presente
A benção neste telegrama:

“Remete benção Divindade.
Legado Pedro quinze contos.
Escrevi céu Hotel Trindade
Tenham chegada quartos prontos.”

E após um grande funeral,
A que assistiu o *high-life* inteiro,
Desde o arcebispo ao general
E desde o príncipe ao banqueiro,

Seus corpos, onde não remexe
O verme vil que trinca os parias
Embalsamados do escabeche
Em grandes latas funerárias,

No palacete duma campa
Foram guardados, qual tesouro,
Dentro dum cofre em cuja tampa
Há versos maus em letras d'ouro.

E as almas, prontas para a festa
Do seu olímpico noivado,
Com uma aureola na testa
E azas soberbas no costado,

Partiram leves, sob-reptícias.
Entre o esplendor de cem auroras,
Lá para o Reino de Delícias.
Onde estarão a estas horas

Feitas bebês, comendo um keque,
Tocando frauta ou tamboril,
Ou arrastando a aza em leque
Ingenuamente... às onze mil.

Ah, miserável, ah precito,
Que lá dos báratros cristãos
Ergues ao Tigre do infinito
Os dois archotes das tuas mãos,

Vê tu como é conveniente,
E justo em todos os sentidos,
Herdar um homem dum parente
Seiscentos contos garantidos,

Gozar, sem medo à vida eterna,
Toda esta bela patuscada,
Desde a luxúria mais moderna
Á gula mais civilizada,

E ao terminar tão bom fadário
Morrer, ouvindo alguns latins,
Com treze quilos de calcário,
Onze na alma, e dois nos rins;

E, na mais íntima harmonia
Com Satanás e com Jesus,
Ir para a cova à luz do dia,
De farda rica e de grã-cruz,

E entre tocheiros deslumbrantes
Ser bem comido e bem jantado
Por alguns vermes elegantes
Num gabinete reservado!...

A SESTA DO SR. ABADE

O meio dia bateu já na torre da Igreja.

A aldeia é silenciosa e triste. O sol flameja.
Entre o surdo murmúrio abrasador da luz,
Como num grande forno, os grandes montes nus
Recosem-se, espirrando as urzes dentre as fragas.
Um mendigo demente e coberto de chagas
Dorme estirado ao sol numa modorra espessa;
E o mosqueiro febril nas lepras da cabeça
Enterra-lhe zumbindo o cáustico das lanças.
Andam só pela rua os porcos e as crianças.
Fome, desolação, luto, viuvez, miséria
Na aldeia morta. A terra esquálida e funérea
Em lugar das canções da abundância e do amor,
Do trigo verde a rir dentro da sebe em flor,
Calcinada e cruel cospe violentamente
Só o cardo torcido, epilético, ardente,
Rompendo duro e hostil, como a praga blasfema
Dum assassino quando um carcereiro o algema.
Secaram-se de todo as fontes e os regatos.
As cobras na aridez crepitante dos matos
Silvam. O ar carboniza as árvores sequiosas
Numa rutila poeira intensa de ventosas.
Dos montes nus além nas secas epidermes
Os rebanhos são como um pulular de vermes.
E a abóbada do céu, concha de zinco em brasa,
Onde não passa a nodoa aérea duma aza,
Implacável contempla a terra solitária,
Como um sultão fitando a carcaça dum paria!

E o tifo germinou nesta miséria adusta.
A epidemia, a alma errante de Locusta.
Diabólica e subtil fermenta envenenada
No asfíxiante esplendor da atmosfera esbraseada.
D'entro da escuridão soturna dos casebres
Os velhos aldeões, minados pelas febres.
Agonizam; e em seu delírio derradeiro,
Entre o côncavo som da enxada do coveiro
E o rouco salmodear dos latins agourentos,
Ouvem loucos de dor os fúnebres lamentos
Dos magros bois de olhar moribundo e sereno.
Que estão lá baixo ao pé do estábulo sem feno,
A mugir, a mugir, por terra, abandonados
Junto ao velho esqueleto inútil dos arados!

A espaços da profunda e trágica nudez

Duma choupana irrompe um grito de viuvez,
Um clamor de orfandade... E o sino chora então
Lágrimas sepulcrais de bronze na amplidão.
A cólera de Deus, cujo olhar incendeia,
Correu como uma loba hidrófoba na aldeia.
Não há lume no lar, nem há pão nos armários.
Entre os dedos das mães famintas os rosários
Passam piedosamente e inutilmente, em quanto
A Morte, a hiena magra e vesga, espreita a um canto
Um berço onde agoniza um anjo, ó dor cruel!
Como um roto mendigo à porta dum vergel
Sofregamente espreita algum fruto outoniço
A tombar já sem cor dum ramo já sem viço!

E a aldeia invoca, implora os anjos tutelares.
Morre de fome e veste as santas nos altares
Com ouro e com brocado, Os círios noite e dia
Alumiam a branca imagem de Maria,
Como trêmulos ais de luz agonizantes
A erguer-se para o céu! Procissões ululantes
De penitências vão convulsas, desgrenhadas,
Esfacelando os pés nas pedras das calçadas,
Dilacerando o peito, arrancando os cabelos.
E com mil visões torvas de pesadelos,
Uivando a Deus em rouco e bárbaro clamor
Que seja pai que veja essa infinita dor,
E lance àquela imensa angústia, àquela magoa
Um olhar onde enfim brilhe uma gota d'água!

.....
Em vão, em vão, em vão! A tarde o sol frenético
Morre congestionado, estonteado, apoplético,
E de manhã explui na lividez do oriente,
Cáustico, a chamejar como um remorso ardente!
E nas noites febris, sem ar, sem rouxinóis,
E que o azul é um braseiro esplêndido de soes
E em que parece que há dispersas na atmosfera
As vaporizações surdas duma cratera,
Por detrás da montanha aspérrima, escalvada,
A lua cheia, rubra, opaca, ensanguentada,
Num silêncio soturno, esmagador, que oprime,
Rompe sinistra como a aparição dum crime!

E contudo naquela aridez flamejante,
Sem um ramo frondoso em que uma ave cante,

Naquele ilimitado incêndio abrasador,
Oh sarcasmo cruel! há dois oásis em flor,
Com duas tropicais pletoras de verdura:

Um é o cemitério, o outro o passal do cura.

No cemitério a Vida impetuosa e forte
Rompe a cantar do ventre ubérrimo da Morte.
Pâmpanos, silveirais, cardos, urtigas, rosas,
Plantas meigas de idílio e plantas tenebrosas,
A mandrágora, a murta, a madressilva, o feto,
Tudo isto a latejar, a fecundar, repleto,
Num emaranhamento anárquico pulula
Doido de sol, febril de seiva, ébrio de gula!
Há uma saturnal junto de cada cova,
Um cadáver que chega é uma iguaria nova,
Que os vermes decompõem em gangrenas protervas
Para a sofreguidão muda, obscura das ervas.
E quando do seu antro a larva tumular
Diz à planta: “Aqui tens na mesa o teu jantar,
Vem comê-lo!” milhões de raízes répteis,
Sanguessugas que tem por bocas bisturis,
Vão haurir, absorver, vampirizar no fundo
Dessa cloaca obscena esse banquete imundo,
Um fétido e viscoso esterquilínio de horrores,
Que é o pão que Deus fez para engordar as flores!
E da tumba do hospício hora a hora resvala
Uma carga de entulho humano para a vala.
Juntam-se aos nove e aos dez, rimas de carne morta,
Na mesma cova. A idade e o sexo pouco importa.
Confundem-se no podre açougue subterrâneo.
E em quanto uma raiz de lírio suga um crânio
E uma pústula dá o perfume a um nectário,
No azul celeste paira o corvo sanguinário,
O tumulo suspenso, o esquife que se eleva,
Brandindo em cada flanco uma foice de treva!
..... Dir-se-ia que o Destino,
O velho Tug, o velho e trágico assassino,
Depois de uma hecatombe insensata e brutal,
A escondera, lançando em cima um madrigal,
Um manto de verdura e corolas vermelhas,
Todo estrelado do ouro em brasa das abelhas.

E o presbitério? Olhai:

Branco como um noivado.
Trepadeiras à porta e pombas no telhado.
Há nesse ninho oculto em verdura frondosa
Como que um bem-estar simples e cor de rosa.
Era um ninho discreto, um bom ninho fiel,
Para sugar um favo a três luas de mel.
Anacreonte, o velho erótico divino,
Contente encerraria ali o seu destino,
Pobre, alegre, feliz, sem remorsos, sem dores,
A calvície jovial sob um chinó de flores,
O copo sobre a mesa, a musa sob os joelhos,
Ao ar livre, a cantar os desejos vermelhos,
A beleza, o prazer, a juventude e o sol,
Com a graça dum merlo e a voz dum rouxinol.

Vejamos essa estância idílica e tranquila.
Mas cuidado! há lá dentro um padre e um cão de fila.
E ambos mordem. Mas, como ambos roncam a sesta,
Entremos. Logo aqui no pátio pela fresta
Da tenebrosa adega aberto um poucachinho
Sai um aroma intenso e rico de bom vinho.
O abade é beberrão. Casca-lhe muito e bem.
Lá pinga como a dele isso ninguém na tem.
Sabe da poda, é mestre! A adega até dá gosto
Entrar a gente lá numa tarde de Agosto.
Que frescura, que asseio e que néctar! Noé
Precisaria ali da capa de Jafé
A todo o instante, e o próprio abade e mais a ama
Tem feito dessa adega o seu quarto de cama
Varias vezes... O amor pela-se por bom vinho.
Se Vênus foi sua mãe, Baco foi seu padrinho.
Sensata opinião que o nosso abade aprova,
Sobretudo se o vinho é velho e a mulher nova.
Nos rotundos tonéis e nas cubas inchadas,
Panças monumentais prenhes de gargalhadas,
Dormem alegremente e silenciosamente
Os trinta mil pifões que o Padre-Onipotente,
Em seu alto desígnio e infinita bondade,
Destinou para o odre insaciável do abade.
E na fresqueira um rico e secular tesouro
Ambrosias idéias velhíssimas, cor do ouro,
Murmuram baixo em voz cristalina e maviosa
Uma canção de amor entre um beijo e uma rosa,

E em que a rosa abre ao beijo as pétalas vermelhas
Sob frêmito alado e diáfano de abelhas.
Com tão raro elixir, que é como um sol poente,
Que já não dá calor, mas que ilumina a gente,
O próprio Satanás, faço-lhe essa justiça,
Não tinha repugnância alguma em dizer missa,
E eu mesmo, é minha vergonhosa convicção,
Mas em suma, que diabo!... eu dava em sacristão!

E junto à adega existe a tulha sempre cheia...
Mas subamos depressa enquanto o abade orneia
A dormir pois se acorda e me conhece, foi-se
A visita e per cima arruma-me algum coice.
Vamos pé ante pé, de vagarinho. A sala
É vasta e branca. Tem nos muros a adorná-la
Sagrados corações de Jesus flamejantes,
Mães, de Deus com olhar no céu e dez trinchantes,
A traspasar-lhe o peito, um Pio nono a cores.
Cordeirinhos pascais, anjos, araras, flores,
Tudo em miçanga, e enfim um D. Miguel primeiro
A froque, que eu comprava a peso de dinheiro.
Do teto enegrecido em bátegas jucundas
Pendem belas maçãs camoesas rubicundas,
Cachos d'uvas ainda a rir, peras marmelas,
Encaixilhado tudo à volta com morcelas.
Em seis baús de couro e em arcas de castanho
Guarda o cura o bragal precioso, o rico amanho
Caseirinho, lençóis duma finura extrema,
Ás grosas, rescendendo alecrim e alfazema!
E, segundo se diz, também deve haver nessas
Arcas monumentais muita soma de peças.
Ao fundo a livraria: uma pequena estante
Numa banca ordinária e simples de estudante.
No centro tem um vão com um Cristo inaudito
Nas vascas do caruncho agonizando aflito,
Burlesco manipanço alvar de formas toscas,
Negro das dejeções sacrílegas das moscas.
Soltos na estante em quatro ou cinco prateleiras
Ripanços de orações, de sermões e de asneiras,
Que fornecem há já trinta anos exatos
Pão de espírito ao cura e pão do corpo aos ratos.
E entre os livros há tudo. É uma loja de adelo.
Pacotes com rapé, um baralho, um marmelo,
Esporas, saquitéis com semente, de ervilha,

Garfos, um grande corno, um copo, uma rodilha.
Malgas com marmelada e frascos com compotas,
E até mesmo um chapéu sebento e um par de botas!
Sobre a mesa o tinteiro e o solidéu. E aberto
Um breviário tal, que cheirado de perto
Fulmina, um breviário exótico, onde enfim
Há já muito mais sebo e traça que latim!

E a todo e qualquer canto em rumas assassinas,
Marmeleiros, bordões e mocas e clavinas.
E pendendo sombria e, trágica dum muro,
Come se fosse a pel' dum grande monstro escuro,
A loba, um balandrau de dobra espectrais,
Feito para espantar as almas e os pardais,

Contigua à sala existe a alcova. É lá que dorme
O hipopótamo. Vede: O catre e desconforme;
Cabiam nesse vasto enxergam à vontade
A preguiça dum porco e a luxúria dum frade,
O cura espapaçado, esbandalhado, ronca,
Inuda-lhe o suor odioso a testa bronca,
O cachaço taurino e as papeiras que vão
Desde o queixo ao umbigo em graça ondulação.
A boca comilona, erótica, sensual
Traz à lembrança o fauno obsceno e o canibal.
E a dentadura podre, esse armazém de guano,
É qual desmantelado aqueduto romano.
Que sórdido animal! que bandulho! que bojo!
Tem cerdas na cabeça e nas orelhas tojo!
E o nariz? o nariz! que farol! que obelisco!
Pantagruel deu-lhe a cor, Gargântua deu-lhe o risco.
É o nariz de Falstaff, épico, em grande gala,
Purpurado e incendiado a fogos de bengala.
De quando em quando a ama, hercúlea mocetona,
Um peixão! sempre alegre e sempre brincalhona,
Vem ligeiro enxotar com precauções imensas
Os insetos sem fé e os moscamos sem crenças,
Que ousam depor, que horror! a tal coisa indecente
Nos rubros alcantis desse nariz ingente.
Eu nunca vi, meu Deus, nariz tão esquisito!
Ruge como um trovão, silva com um apito!
É talvez o nariz por onde tocará
Trombeta o Criador no val' de Josafá!
Dos mais complexos sons percorre a escala... alcoólica:

Umaz vezes imita uma frauta bucólica
E outras um cavernoso órgão de Rilhafoles,
Com um grande Titã bêbado a dar as foles.
As vezes um fragor rouco de temporal
Quer bramir através do Himalaia nasal
Do abade, mas achando os dois tonéis do monte
Entupido de esterco infeto e de simonte,
Retrocede e lá vai por outro sorvedouro
Expluir com profundo e tremebundo estouro!...

.....
Mas que satisfação beatifica se nota
Na vasta estupidez daquela cara idiota!
E sabeis porque dorme olímpico e risonho
O abade? É porque teve inda há pouco esse sonho:
Sonhou ver desfilar, oh ventura ilusória!
Um préstito pagão, um cortejo de glória,
A aclamá-lo. Na frente uma vara sombria
De bácoros roncava em coro esta poesia:

Deus fez o porco para o frade.
Deus destinou-nos os presuntos
Para os seus untos,
Senhor abade.
Grunhamos, pois, grunhamos todos juntos:
Viva o abade! Viva o abade!!

Sucediam-se logo em manadas e em bando
Perdizes e perus e patos conclamando:

Patos, perus, galinhas e perdizes
Somos felizes!
Oh, que ventura!
Como é doce morrer tendo a certeza
De bem assados em manteiga inglesa
Ir para a mesa
Do senhor cura!
Oh, que ventura! oh, que ventura!...

Num carro triunfal trovejava depois
Um tonel arrastado a cem juntas de bois:

O sonho, o canto e a dança
Vivem na minha pança,
Que trilogia!

Sonhar, dançar, cantar!
A tristeza morreu um belo dia
Num lugar.
Vá, Padre-mestre, com bizzarria!
Cântaro à boca, toca a virar!

Meu Padre mestre, nunca o teu bico
Provou ainda vinho tão rico,
Sem confeição!
Vinho como este
Nunca o bebeste,
Não!

Vá Padre-mestre, põe-me um repuxo,
Muda-me todo para o seu buxo,
Meu tubarão!
Depois rolemos, às gargalhadas,
Dando umbigadas,
Dando pançadas
No chão!...

Um gracioso tropel de donzelas formosas,
Frescas e virginais como botões de rosas,
A saia curta, o rir brejeiro, o arzinho honesto,
Deixando ver a perna e fantasiar o resto,
Vinha cantando atrás esta canção feliz,
Ao som de teorbis d'ouro e avenas pastoris:

Somos trezentas sessenta e seis,
Olhos maganos, bocas em flor...
Dignas de reis!
E vimos todas, senhor Prior,
Dar-vos aquilo que vós sabeis...
Somos trezentas sessenta e seis!
Um calendário d'ano bissexto,
Feito d'amor!
Livro novinho!... papel e testo!...
Abra-lhe as folhas sem medo ao sexto,
Abra-lhe as folhas, Padre Prior!

Caminhavam por fim, ronceiros, de vagar,
Os grandes carroções da Cômgrua e Pé de Altar,
Puxados a duas mil parelhas de jumentos,
Zurrando esta epopéia heróica aos quatro ventos:

Senhor Pároco, toda a freguesia,
Uns quatro mil onagros,
Muito magros
Vem trazer isto a Vossa Senhoria.
Desculpe, senhor Pároco, a ousadia...
A oferta é bem mesquinha, é desgraçada.
Uns oitocentos moios simplesmente
De milho, de feijão, trigo e cevada.
E nós sabemos que um tão mau presente
Para o seu dente
Não chega a nada! não chega a nada!
Mas é boa a intenção:
Nós reservamos para si o grão,
E para nós a palha unicamente
Dar ao senhor Prior
Miséria assim, é vergonhoso até...
Mas aceite este mimo sem valor...
Senhor Pároco aceite-o, por quem é!...
E agora, senhor Pároco, a sua benção,
Porque os onagros pensão
Que ela salva das chamas infernais;
E em paga de tal dom, de tal carinho
Rogaremos ao céu pelo focinho
Lhe permita engordar cada vez mais.
Boa pinga e bom porco alentejano,
E sempre nédio e alegre e satisfeito!...
Senhor Pároco, viva!... até p'ró ano...
Até p'ró ano... e muito bom proveito!...

O abade, vendo aquela espandosa ovação,
Cresceu como uma torre e inchou como um balão.
E ao mirar-se com garbo heróico e triunfal
Surpreendeu-se de anel e cruz episcopal!
E, impando de vanglória e atônito de espanto,
Inchou mais meia légua e cresceu outro tanto!
Contemplou-se depois com majestade ufana,
E, oh céus! viu-se vestido em púrpura romana!
Cardeal! cardeal! cardeal! que honra, que posição!
E subiu de tal forma ovante na amplidão
Que o Himalaia, envolto em suas neves eternas,
Disse a um condor: — Vai ver lá cima aquelas pernas;
— Cardeal! Não será sonho ou mágico feitiço?!
Eu Cardeal!!... — Apertou entre as mãos o tontiço,

E em lugar dum chapéu tingido com zurrapas,
Encontrou o diadema olímpico dos papas!
Papa!... E de tal maneira ergueu a fronte sua
Que com ela partiu os chavelhos da lua!
Em torno do nariz e à volta das orelhas
Zumbiam-lhe tremendo os astros, como abelhas.
Ser papa! ser rei do céu e o rei do mundo!
E lá do alto do abismo esplêndido e profundo
Lançou o mar e à terra a sua benção sagrada.
E o mar mudou-se em vinho e a terra numa empada!
E o colosso voraz, de ver coisas tão belas,
Debruçou-se, agachou-se, escancarou as guelhas,
E engoliu duma vez o assombroso foliar,
Bebendo-lhe por cima o vinho todo o mar!
Depois empanturrado, inflado, um pouco torto,
Atirou-se a dormir mais pesado que um morto,
Arrotando trovões.....

.....
E em quanto o abade ronca e grunhe sem cuidados
Dobram plangentemente os sinos afinados,
Cortam o espaço os ais do estertor derradeiro,
E entre as germinações frescas do bom lameiro
A égua abacial c'oa respectiva cria,
(A quem, se fosse dele, o abade chamaria
Afilhada) lanzuda opipara, pacata,
Livre, sem albardão, sem freio e sem arreata.
Na monástica paz dos ventres satisfeitos
Com luzerna viçosa e tenra até os peitos
Envolta no esplendor fulvo do sol poente,
Mansa, fitando o azul, rincha ortodoxamente!

O GÊNESIS

Jeová, por alcunha antiga o Padre Eterno
Deus muitíssimo padre e muito pouco eterno,
Teve uma ideia suja, uma ideia infeliz:
Pôs-se a esgaravatar co-o dedo no nariz,
Tirou desse nariz o que um nariz encerra,
Deitou depois isso cá baixo, e fez a terra.
Em seguida tirou da cabeça o chapéu,
Pô-lo em cima da terra, e zás, formou o céu.
Mas o chapéu azul do Padre Onipotente
Era um velho penante, um penante indecente,

Já muito carcomido e muito esburacado,
E eis aí porque o céu ficou todo estrelado.
Depois o Criador (honra lhe seja feita!)
Achou a sua obra uma obra imperfeita,
Mundo serrafaçal, globo de fancaria,
Que nem um aprendiz de Deus assinaria,
E furioso escarrou no mundo sublunar,
E a saliva ao cair na terra fez o mar.
Depois, para que a Igreja arranjasse entre os povos
Com bulas da cruzada alguns cruzados novos,
E Tartufo pudesse inda dessa maneira
Jejuar, sem comer de carne à sexta feira,
Jeová fez então para a crença devota
A enguia, o bacalhau e a pescada marmota.
Em seguida meteu a mão pelo sovaco,
Mais profundo e maior que a caverna de Caco,
E arrancando de lá parasitas estranhos,
De toda a qualidade e todos os tamanhos
Lançou sobre a terra, e deste modo insonte
Fez ele o megateiro e fez o mastodonte.
Depois, para provar em suma quanto pode
Um Criador, tirou dois pelos do bigode,
Cortou-os em milhões e milhões de bocados,
(Obra em que ele estragou quatrocentos machados)
Dispersou-os no globo, e foi desta maneira
Que nasceu o carvalho o plátano e a palmeira.

.....

Por fim com barro vil, assombro da olaria!
O que é que imaginais que o Criador faria?
Um pote? não; um bicho, um bípede com rabo,
A que uns chamam Adão e outros Simão. Ao cabo
O pobre Criador sentindo-se já fraco.
(Coitado, tinha feito o universo e um macaco
Em seis dias!) pensou: — Deixem-nos de asneiras.
Trago já uma dor horrível nas cadeiras,
Fastio... Isto dá cabo até duma pessoa...
Nada, toca a dormir uma sonata boa!
Descalçou-se, tirou os oc'los e chinó,
Pitadeou com delícia alguns trovões em pó,
Abriu, para cair num sono repentino,
O alfarrábio chamado o livro do Destino.
E enflanelando bem a carcaça caduca,

Com o barrete azul celeste até à nuca,
Fez ortodoxamente o seu sinal da cruz
Como qualquer de nós, tossiu, soprou à luz,
E de pança p'ro ar, num repouso Bendito,
Espojou-se, estirou-se ao longe do infinito
Num imenso enxergão de nevoa e luz doirada.
E até hoje, que eu saiba, inda não fez mais nada.

FANTASMAS

I

O vigário de Deus na terra disse um dia
Aos batalhões do clero:
Tragam-me o manto d'ouro e seda que cobria
As espáduas de Nero.

E trouxeram-lhe o manto, um manto do brocado,
Da púrpura mais fina,
Com escarros de lodo obscuro, inda empastado
No sangue de Agripina.

E o papa continuou: “Preciso armar o braço,
Para ditar as leis;
Fabriquem-me uma espada enorme com o aço
Das espadas dos réis.”

E trouxeram-lhe o gládio. O papa ficou mudo,
Num assombro d'espectro.
De súbito exclamou: “Ainda não é tudo;
Tragam-me agora um cetro!”

Trouxeram-lh'o. E depois dum silêncio profundo
Rugiu como um leão:
“Tragam-me agora o mundo!” E puseram-lhe o mundo
Na palma da sua mão.

E sopesando o globo e arrancando o montante
Enorme da bainha,
Bradou pela amplidão: “Sou Júpiter-tonante!
Humanidade, és minha!

Eu tenho o gládio e o cetro, a excomunhão e a bula;
Sou o Deus, sou a Fé.

Miserável réptil, Humanidade, oscula
A ponta do meu pé!”

E sentando-se sobre o coração da Itália
O sátrapa romano
Estendeu desdenhoso o bico da sandália
Para o gênero humano!

II

Nesse instante um fantasma entrou nos régios paços.
Serenos e formidáveis.
Encarou fixamente o rei, cruzando os braços
No peito inabalável,

E trovejou, deixando o papa sacrossanto
Lívido, espavorido:
“Sou a Fraternidade. Entrega-me esse manto
E essa espada bandido!”

Despedaçou-lhe o gládio e a túnica purpúrea,
E saiu triunfal.
E o papa horrorizado, espumando de fúria,
Uivou como um chacal:

“Nesta invencível mão d'abutre encarquilhada
Guarda o melhor tesouro.
Ficou-me ainda o cetro. Era de ferro a espada...
Prefiro o cetro... é d'ouro!”

E o papa viu então, oh trágica ansiedade
Um vulto sobre-humano
Avançar e bramir: —O meu nome é Igualdade;
Dá-me o cetro, tirano!

Quebrou o cetro e foi-se. E o papa, como um lobo
Sombrio respondeu:
“Na minha forte mão ainda sustento o globo...
Ainda o globo é meu!...”

E desatou a rir... um riso sanguinário
De pantera. Depois
Surgiu novo fantasma hercúleo, extraordinário,
Maior que os outros dois.

E como o rebentar potente dum trovão
Que abala a imensidade
O fantasma rugiu: — Não me conheces, não!
Chamo-me a Liberdade!

“Venho buscar o mundo. Entrega-o, salteador!
É meu o globo, harpia!”
E arrancou-lh' o. Soltando um grito, no estertor
Convulso da agonia,

Tombou por terra o papa. E repentinamente
Viu surgir-lhe do lado
Um esqueleto a rir, todo fosforescente,
Podre, desengonçado,

Que lhe disse: — Morreu, ó Papa, o nosso império,
Morreu o mundo antigo.
Tu chamas-te Alexandre, eu chamo-me Tibério...
Vem-te deitar comigo!...

E como um caçador fantástico que leva,
Sangrenta e moribunda,
Uma hiena a gemer, de rastos, pela treva
Numa noite profunda,

O esqueleto levou para a cripta sombria
O cadáver do irmão,
Indo dormir os dois na eterna mancebia
Da mesma podridão!

POST SCRIPTUM

Quando eu morrer abram-me o peito
E desta jaula, onde houve um leão,
Tirem, o cárcere era estreito,
Meu velho e altivo coração.

Depois sem dó e sem respeito,
Sem um murmúrio de oração,
Lancem-no assim, vai satisfeito,
Á vala obscura, à podridão,

Para que durma e se desfaça
No lodo amargo da Desgraça,
Por quem bateu continuamente,

Como um tambor que entre a metralha
Estoura ao fim duma batalha,
Rouco, furioso, ansioso, ardente!